

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

PAULA VOLKART DUTRA

**O PLURILINGUISMO NO SISTEMA GLOBAL E LOCAL DAS
LÍNGUAS DO MUNDO**

Porto Alegre
2019

PAULA VOLKART DUTRA

**O PLURILINGUISTO NO SISTEMA GLOBAL E LOCAL DAS
LÍNGUAS DO MUNDO**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito parcial para o
grau de Bacharel em Letras pela
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul.

Orientador: Prof. Dr. Cléo Vilson
Altenhofen

Porto Alegre

2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo, a minha mãe, por ser meu maior exemplo. Por me incentivar sempre, por “confiar no meu taco” – como ela sempre diz. Por ser minha companheira de todas as horas, meu porto seguro, minha melhor amiga. Muito obrigada por estar ao meu lado sempre.

Ao meu pai, obrigada por, do teu jeito, ter me dado todo o suporte para eu chegar até aqui. Apesar das poucas palavras e da aparente cara de bravo, eu sei que tu nunca mediste forças para me proporcionar tudo o que precisava. Muito obrigada por tudo.

A Débora, minha irmã, segunda mãe e amiga, obrigada por compartilhar a vida comigo durante estes 22 anos. Mesmo longe, tem sempre uma parte tua aqui, bem perto, vibrando comigo as conquistas e amenizando os momentos difíceis.

A minha dinda Cris, agradeço por ser uma mulher que me inspira todos os dias. Obrigada por tantas palavras sábias, por tanto carinho e apoio, por ser a mãe – em forma de dinda – que eu escolhi.

Ao meu orientador, Cléo Altenhofen, obrigada por ter me recebido de braços abertos e ter dito sim a esta empreitada. Obrigada pelas conversas inspiradoras, pelas palavras generosas e por acreditar no potencial de uma aluna que mal conhecia. Lamento por nossos caminhos não terem se cruzado antes, pois és um orientador e tanto. Tenho profunda admiração pela tua humildade, paciência e dedicação. Mais uma vez, agradeço por, mesmo sendo do setor de alemão, acolher uma formanda do francês que caiu de paraquedas na tua sala.

A Sandra Loguerio, obrigada pelo carinho, atenção e dedicação. És uma professora exemplar e uma pessoa incrível. Agradeço-te por ter me acompanhado todo esse tempo, sempre me aconselhando e me dando força. Aliás, muito obrigado por ter me apresentado meu orientador, Cléo, e por me incentivar a fazer o que eu amo. A Patrícia Reuillard, obrigada pela professora que és e pelo coração imenso que tens. É disso que precisamos: de uma docente que enxerga os alunos para além da sala de aula. Agradeço-te por ter me encorajado e me guiado quando parecia perdida; por ter partilhado tantos aprendizados não só tradutórios, mas também sociais, políticos, humanos. Sandra e Pat, vocês são os meus exemplos. Muito obrigada por todas as lições – de tradução, de francês e de vida.

A minha eterna professora Vanise Dresch, obrigada por ter me apresentado o mundo da francofonia, pelo qual me encantei e o qual nunca mais abandonei. Agradeço-te, sobretudo, por ter sido muito mais que uma professora: tu desempenhaste um papel de mãe, de tutora em minha vida. Serei sempre grata por tudo o que fizeste por mim.

A Victória Richetti, minha esposa, companheira de bar, sonhos e luta, e a Júlia Scopel, minha engenheira favorita, amante dos bichinhos e dos lanches, obrigada por terem me aguentado, me acolhido e serem quem me abraça forte e diz “vai ficar tudo bem, vai dar tudo certo”. Vocês foram fundamentais na minha caminhada até aqui. Eu amo vocês.

Aos meus amigos mais engraçados do *WhatsApp*, que vieram de longe para compartilhar a vida comigo. Obrigada, Passo Fundo, Nova Prata, Uruguaiana, por exportarem gente tão maravilhosa. Nós nos conhecemos há pouco, é verdade, mas parece que somos amigos de infância. Obrigada por me acolherem. Por todos os rolês loucos, por todos os memes e *stickers*, por todas as conversas, os choros e os abraços. Eu amo vocês.

Às veteranas da Letras. A Isa Leão, Bianca, Samanta, Adri, Pozzi, Nic e Elisa, obrigada por fazerem parte deste grupo lindo de mulheres fortes e inspiradoras, onde eu me sinto tão acolhida e amada. A Mari Schulz, obrigada por ser esse exemplo de mulher – independente, crítica, sem perder a ternura e o carinho de sempre. A Márcia e a Isa Paiva, obrigada por serem, cada uma do seu modo, essas mulheres intensas com quem eu aprendi muito e ainda aprendo todos os dias.

Aos meus eternos colegas da /14, Marco, Vinícius, Yuli, Cecília, Carol e Giovanna, obrigada por todos os trabalhos em grupo, pelos intervalos regados a risadas, pelos almoços no RU, pelas noites resumidas em pizza.

Aos presentes que a PUCRS me deu. A Julia Kras, companheira no feminismo e no vegetarianismo, cientista social com um senso crítico incrível, obrigada por me inspirar a ser uma pessoa melhor e mais consciente. Ao Luan Pereira, por ter sido meu companheiro durante a minha passagem pela PUCRS. Eu tenho um carinho de irmã por ti. Ao Giovany Severo, esse homem tão intenso em tudo que faz, obrigada por compartilhar tantas jantas, cervejas e aprendizados. Obrigada por essa amizade.

A Carol Merg, a irmã que escolhi, obrigada por ter compartilhado tantos momentos importantes e por ter me mostrado um outro modo de olhar a vida. Eu cresci

muito contigo. Os muitos quilômetros de distância não mudam em nada o carinho que eu sinto por ti.

A Klimão e a Dani, obrigada por terem segurado a minha mão e acalmado meu coração nos momentos em que eu mais precisava. Obrigada por serem essas irmãs de alma que eu levarei para sempre, essas mulheres fortes, incríveis, inspiradoras. No meu coração, nós sempre seremos um trio.

Às amigas que o Colégio Rosário me deu, meu muito obrigado por terem contribuído nessa jornada longa e tortuosa. Por terem sido minhas companheiras nos posicionamentos críticos, nas reivindicações feministas, nas revoltas adolescentes. A Sara, a Débora e às minhas eternas “trombadinhas” Fernanda, Manoela e Ana, agradeço por serem parte da minha história.

Aos meus queridos amigos da França. Maria, obrigada por ter sido minha companheira, em todo os momentos, em terras *grenobloises*. Obrigada por ter me acolhido, por ter dividido o mesmo sonho – que, para nós, era também um desafio. Te amo, amiga. Adriano, obrigada por ter sido *mon mari*, meu amigo inseparável, sempre com seu bom humor e deboche. Sem ti, a minha estada na França não teria sido tão divertida e emocionante. Erik, obrigada por todos os poemas e músicas, por todas as refeições e camas divididas, por ser puro amor. Meus olhos transbordam de tanta saudade. *Raph, merci de m'avoir présenté ton pays et ta culture. Merci d'avoir ouvert ton cœur à moi. Tu as été mon chez moi en France. Je t'aime. Alphée et Ninon, merci, les filles, d'avoir été mes sœurs françaises. Dès qu'on s'est rencontrée, j'avais la sensation qu'on se connaissait déjà, qu'on avait déjà partagé toute une vie ensemble. Les soirées, les repas, les bavardages, les rires, tout ça me manque beaucoup !* Tuxo, muito obrigada por ter sido meu irmão em Grenoble, por me acolher com teu coração imenso – proporcional à tua implicância. Mônica, Grenoble não seria a mesma sem ti, obrigada me contagiar com teu amor, tua serenidade e teu otimismo. Bernardo, obrigada pela companhia em todas as refeições – especialmente quando cozinhavas as melhores lentilhas –, por ser meu guia em Budapest e, acima de tudo, por todas as trocas. Tu és uma pessoa incrível. Diego, meu vizinho e amigo internacional, obrigada por todos os chás da tarde, por todas as confidências, reclamações e alegrias compartilhadas. Sem ti, a *Residence Ouest* não teria graça. Carlos, Daniel, Eduardo, Ricardo e Carlitos, obrigada por todas as *soirées* e *pints*, por tornarem a minha vida em Grenoble mais alegre.

Aos amigos que eu peguei emprestado de minha irmã. Em especial, agradeço ao Rafa Nolibos por me lembrar, sempre que preciso, que tenho potencial e, também, por ser esse companheiro de viagem, de bar e de pensamento crítico. Obrigada também ao pessoal de São Paulo, por ser a minha segunda família. Agradeço especialmente ao Luiz por, além de ser a pessoa mais amorosa que eu conheço, ter emprestado o seu talento e o seu tempo para criar as imagens deste trabalho.

A todos que cruzaram a minha vida e, de alguma forma, fizeram a diferença; a todas as experiências que me fizeram ser quem eu sou agora, eu agradeço.

“(…) na totalidade-mundo nos conscientizamos de que várias línguas desaparecem, e com elas uma parte dos imaginários das humanidades. Nossa maneira de defender as línguas deve ser multilinguística. Devemos defender nossas línguas em nome dos multilinguismos, e não em nome de um monolinguismo intolerante. Essa dimensão para mim é decisiva porque não salvaremos nenhuma língua do mundo deixando morrer as demais. O que é preciso mudar é o imaginário das humanidades, de forma a persuadi-las de que necessitamos de todas as línguas.” (Édouard Glissant)

«Il nous faut donc affronter les deux injonctions contradictoires:

sauver l'extraordinaire diversité culturelle qu'a crée la diaspora de l'humanité et, en même temps, nourrir une culture planétaire commune à tous.» (Edgar Morin)

“A diversidade cultural [e linguística] é tão necessária para a humanidade como a biodiversidade para a natureza.” (UNESCO)

RESUMO

A globalização afetou o sistema global e local das línguas do mundo. Por um lado, surgiu a necessidade de intercompreensão entre falantes de línguas diferentes; por outro, houve uma onda de reivindicação pelo reconhecimento e pela preservação de línguas minorizadas. Frente a isso, o presente trabalho discute o fenômeno do plurilinguismo na era globalizada. Em um primeiro momento, traçamos um quadro geral das línguas do mundo de modo a destacar que há, no mundo contemporâneo, uma tensão entre a ideologia monolíngue – que prioriza uma língua em detrimento de outras – e a ideologia plurilíngue – que valoriza a diversidade linguística. Em um segundo momento, abordamos certas problemáticas que envolvem a ideologia monolíngue no mundo atual, em especial o mito da língua única, vinculado ao inglês, assim como a tendência à hierarquização das línguas do mundo. Em seguida, ilustramos alguns espaços onde o plurilinguismo é valorizado no mundo atual: a educação bilíngue, plurilíngue e plurilinguística; a tradução; a Internet e demais mídias digitais. Apontamos, por fim, que, enquanto a ideologia monolíngue, na esfera global e local, tende a distribuir desigualmente o poder entre falantes de diferentes línguas, a ideologia plurilíngue incentiva a tolerância, a equidade e o respeito à diversidade. Finalmente, propomos um ponto de vista dialético, que articula o global e o local, ao invés de colocá-los como opostos irreconciliáveis. Concluímos que o plurilinguismo expressa, em si, essa relação dialética ao articular o global e o local, a diversidade e a unidade inerente ao mundo globalizado. Devemos, assim, adotar um ponto de vista plurilíngue como forma de evitar uma homogeneização ou, então, um etnocentrismo exacerbado.

Palavras-chave: Plurilinguismo. Globalização. Local. Global. Diversidade linguística.

RÉSUMÉ

La mondialisation a affecté le système global et local des langues du monde. D'une part, il a surgi le besoin d'intercompréhension entre locuteurs de différentes langues ; d'autre part, il y a eu une vague de revendications pour la reconnaissance et la préservation des langues minorées. Le présent travail débattre le phénomène du plurilinguisme dans l'ère mondialisée. Pour ce faire, nous traçons, dans un premier moment, un cadre de la situation actuelle des langues du monde, de façon à mettre en relief qu'il existe une tension entre une idéologie monolingue – qui priorise une langue aux dépens des autres – et une idéologie plurilingue – qui valorise la diversité linguistique – dans le monde contemporain. Dans un deuxième moment, nous abordons certaines problématiques concernant l'idéologie monolingue dans le monde actuel, spécialement le mythe de la langue unique, vinculé à la langue anglaise, ainsi que la tendance à la hiérarchisation des langues du monde. Ensuite, nous illustrons quelques espaces où le plurilinguisme est valorisé dans le monde actuel : l'éducation bilingue, plurilingue et plurilinguistique ; la traduction ; l'Internet et les médias digitaux. Nous indiquons que, alors que l'idéologie monolingue, dans les échelles globale et locale, a une tendance à distribuer inégalement le pouvoir entre des locuteurs de différentes langues, l'idéologie plurilingue encourage la tolérance, l'équité et le respect à la diversité. Dans un dernier moment, nous proposons un point de vue dialectique, qui articule le global et le local, au lieu de les placer comme des opposés irréconciliables. Nous concluons que le plurilinguisme lui-même exprime une relation dialectique vu qu'il lie l'échelle globale et celle local, la diversité et l'unité, cette relation étant inhérent au monde globalisé. Compte tenu de cela, il faut adopter un point de vue plurilingue comme un moyen d'éviter l'homogénéisation ou l'ethnocentrisme exacerbé.

Mots-clés : Plurilinguisme. Mondialisation. Local. Global. Diversité linguistique.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Classificação das línguas do mundo segundo Calvet (2002).....	26
Figura 2 – Os três círculos do inglês	33
Figura 3 – Modelos de educação bi/plurilíngue segundo García (2009)	42

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	GLOBAL, LOCAL, ‘GLOCAL’	14
3	AS LÍNGUAS NO MUNDO GLOBALIZADO: UM QUADRO GERAL	15
3.1	ENTRE NAÇÃO E GLOBALIZAÇÃO: A IDEOLOGIA MONOLÍNGUE E SEUS LIMITES	15
3.2	GLOBALIZAÇÃO E CAPITALISMO: A MERCANTILIZAÇÃO DAS LÍNGUAS	20
3.3	SISTEMA LINGUÍSTICO GLOBAL	23
4	MONOLINGUISMO E PLURILINGUISMO NA ERA GLOBALIZADA	28
4.1	MUNDO GLOBALIZADO REALMENTE DIVERSO LINGUISTICAMENTE?	28
4.1.1	Inglês como a língua de comunicação global	29
4.1.2	Ranking das línguas e plurilinguismos	35
4.2	OS ESPAÇOS FAVORECEDORES DO PLURILINGUISMO	37
4.2.1	Educação bilíngue, plurilíngue e plurilinguística	38
4.2.2	Internet e mídias digitais	43
4.2.3	Tradução	45
5	POR UMA CONCEPÇÃO DIALÉTICA: ENTRE A DIVERSIDADE E A UNIDADE	49
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
	REFERÊNCIAS	56

1 INTRODUÇÃO

É inegável que o fenômeno da globalização significou uma maior integração política, econômica, cultural e social de todas as partes do mundo. Assistiu-se à proliferação de organizações políticas governamentais e não-governamentais internacionais; novos blocos econômicos, empresas transnacionais surgiram, levando à integração do mercado econômico mundial, bem como à internacionalização da indústria cultural. Mas, para além disso, o desenvolvimento tecnológico, característico da era globalizada, também significou uma grande mudança na área das mídias e comunicações. Atualmente, podemos facilmente obter informações das mais variadas fontes, assim como nos comunicar instantaneamente com pessoas de todas as partes do mundo. Essas transformações, por sua vez, também acarretaram mudanças no que se refere às línguas do mundo.

A maior integração mundial trouxe à tona a necessidade de intercompreensão entre falantes de diferentes línguas. Em resposta a isso, vemos emergir *línguas francas*. O inglês, nesse sentido, desponta como a língua de comunicação mundial por excelência, mesmo que outras línguas concorram com ele por esse posto. Nesse mesmo movimento, surgiram línguas artificiais que teriam sido criadas justamente para a comunicação a nível global, como, por exemplo, o esperanto. É notável que, apesar de suas diferenças, as línguas francas – ou projetos de línguas francas – compartilham o pressuposto de que uma língua única e comum a todos seria a solução para a comunicação global. Contudo, se muitos são adeptos dessa ideia, outros apresentam alguns receios: não estaríamos frente a um processo de homogeneização cultural e linguística do mundo? As demais línguas não estariam sendo ameaçadas? E, em última instância, a própria diversidade cultural e linguística não estaria sob ameaça na era globalizada?

Em contrapartida, fala-se que a globalização tornou ainda mais evidente a diversidade cultural e linguística do mundo. Isso porque a ideologia monolíngue – que ganhou força com a formação dos Estados Nacionais – foi posta em xeque tanto por uma abertura ao global quanto por um reconhecimento do local. Por um lado, a necessidade de comunicação com falantes de diferentes nacionalidades levanta um ponto central: os falantes plurilíngues são quem de fato tecem as relações interculturais e internacionais. Dito isso, o conhecimento de diversas línguas começa a ser incentivado, como é o caso da União Europeia, que recomenda o ensino, para

além da língua materna, de mais duas línguas para os cidadãos europeus. Por outro lado, a questão da preservação das línguas minorizadas¹ e dos direitos linguísticos de seus falantes começa a ser mais discutida a partir do final do século XX. Com isso, vê-se que a diversidade linguística não é algo apenas do âmbito supranacional, mas também do âmbito local (ALTENHOFEN, 2013). Populações nativas, imigrantes, refugiados – em suma, pessoas pertencentes a grupos minorizados – são, normalmente, falantes de línguas diferentes da língua oficial do Estado-Nação onde residem. Eles, contudo, têm direito às suas línguas, e esse começa a ser reconhecido perante os Estados.

Inscrevendo-se na área de estudos da Sociologia da Linguagem, este trabalho pretende discutir a diversidade linguística e o plurilinguismo² no mundo globalizado, articulando tanto o global quanto o local. Partindo da premissa de que a globalização teve um grande impacto em diversas relações no mundo – inclusive nas relações linguísticas –, analisaremos, primeiramente, de que formas estas foram modificadas e que efeitos elas têm sobre o fenômeno do plurilinguismo. No capítulo seguinte, discorreremos sobre a tensão existente entre as forças monolíngues – priorizando uma língua única – e as forças plurilíngues – valorizando a diversidade de línguas – no mundo atual e buscando de fato garantir um espaço de direito ao plurilinguismo. Por fim, esboçaremos de um ponto de vista dialético para explicar a situação linguística no mundo globalizado, articulando o global e o local. Esse ponto de vista, por sua vez, implica a defesa do plurilinguismo, assim como o reconhecimento e a valorização de todas as línguas do mundo. Esse assunto mostra-se especialmente relevante, pois, além de muito atual, diz respeito aos falantes do mundo inteiro.

1 Escolhemos o termo “línguas minorizadas” e não “línguas minoritárias” para dar ênfase ao fato de que é o tratamento que é conferido às línguas que as tornam minorizadas. A palavra *minoritária*, por sua vez, poderia levar a pensar que as línguas seriam minoritárias por suas características intrínsecas.

2 São variáveis as definições de “plurilinguismo” ou, como se chamava nos estudos clássicos, “bilinguismo”. Elas oscilam entre uma posição mais rígida, restringindo-se aos falantes com alta proficiência em mais de uma língua (como um *native speaker*) e, de outro lado, uma posição que relativiza o “quanto” de conhecimento ou habilidade em mais de uma língua é necessário para um falante ser considerado bilíngue ou plurilíngue. Neste estudo, segue-se essa concepção mais relativizada, defendida por Mackey (1972). Sob essa perspectiva, não se mostra mais tão relevante determinar se um indivíduo é bilíngue ou não e, sim, em que medida é bilíngue.

2 GLOBAL, LOCAL, 'GLOCAL'

O termo “glocal” surge como um neologismo, a partir da fusão das palavras “global” e “local”. O sociólogo britânico Roland Robertson foi quem popularizou o termo no Ocidente (BASTARDAS-BOADA, 2012), visto que o elegeu como conceito central da sua teoria sociológica sobre globalização. Robertson (1995), porém, explica que não foi ele quem inventou o termo. Originalmente, ele faz referência à palavra japonesa *dochakuka*, que significa a adaptação de técnicas agrícolas às condições locais. Posteriormente, esse termo foi adotado pelos economistas japoneses e virou um jargão, nos anos 80, na área de negócios. Nesse contexto, foi usado, no âmbito do *micro-marketing*, para se referir à adaptação de um produto de escala global às condições locais, aos pequenos nichos.

Apesar de não ser o criador do termo, Rolando Robertson foi, todavia, o responsável por associá-lo a uma teoria da globalização. O autor sustenta que o global e o local não são excludentes e, sim, diferentes dimensões que se implicam reciprocamente. Seguindo essa lógica, Robertson (1997 *apud* FRANCO, 2003) argumenta que o fenômeno comumente designado de globalização seria, na verdade, uma “glocalização” e se manifestaria através da coexistência de tendências universalizantes e particularizantes. Nesse sentido, Giddens (2000, p. 24 *apud* FRANCO, 2003) também afirma que a globalização é um fenômeno que “não somente puxa para cima, mas também empurra para baixo, criando pressões por autonomia local”. O autor acrescenta, em seguida, que a globalização é a razão do ressurgimento de identidades locais em várias partes do mundo. Diante da coexistência, no mundo atual, de conexões globais e identidades locais, a língua cumpre um papel crucial, conclui Warschaeur (2002).

Esse ponto de vista, por sua vez, será central na nossa reflexão. Ele justifica por que nos debruçaremos não apenas sobre as influências da globalização a nível macro – ou seja, no sistema *global* das línguas –, sendo incluídas suas implicações a nível micro – em outras palavras, no sistema *local* das línguas do mundo.

3 AS LÍNGUAS NO MUNDO GLOBALIZADO: UM QUADRO GERAL

Uma vez que consideramos as línguas como fenômenos essencialmente sociais, não podemos estudá-las desconectadas de seu contexto socio-histórico. Dito isso, o presente capítulo tem como objetivo traçar um quadro geral dos efeitos da globalização nas configurações e dinâmicas linguísticas – e, mais precisamente, no fenômeno do plurilinguismo. Em um primeiro momento, trataremos da ideologia monolíngue pautada na concepção dos Estados Nacionais, assim como apontaremos os limites dessa ideologia no mundo globalizado. Em um segundo momento, abordaremos como as novas dinâmicas econômicas do mundo globalizado transformaram as línguas em mercadorias e o plurilinguismo, em uma fonte de lucro. Por fim, apresentaremos o esquema, proposto por De Swaan (2001), do sistema linguístico global, a fim de compreender as relações tecidas entre as línguas do mundo e suas influências sobre o plurilinguismo.

3.1 ENTRE NAÇÃO E GLOBALIZAÇÃO: A IDEOLOGIA MONOLÍNGUE E SEUS LIMITES

A distribuição do território global em Estados Nacionais exerceu e ainda exerce grande influência na maneira como o mundo é percebido não apenas geográfica e politicamente, mas também linguisticamente.

A formação dos Estados-Nação, para além das mudanças a nível territorial, econômico e político, significou a emergência – ou, na verdade, a construção – de sentimentos coletivos de pertencimento e não-pertencimento, inclusão e exclusão, familiaridade e estranheza. Isso porque a nação se forma como uma “realidade social construída, de alguma maneira, pela imaginação [...] [que] permite estabelecer vínculos de certa ‘familiaridade’ entre desconhecidos que se imaginam e, por isso mesmo, passam a agir como membros da mesma comunidade” (LAGARES, 2018, p. 50) e, naturalmente, como não-membros das demais comunidades. A lógica decorrente do conceito de Estado-Nação, dessa forma, acarreta um duplo movimento: entre si, os Estados almejam se diferenciar; internamente, há um ideal de integração, unificação e, mesmo, uniformidade.

Nesse sentido, pode-se falar da construção de certos símbolos (hino, bandeira), tradições, mitos fundadores, dentre outros bens socioculturais, que alimentam o sentimento de coletividade e que, de certa forma, constituem a identidade de uma

comunidade nacional. A língua nacional, em particular, cumpriu e ainda “cumpre um papel essencial no processo de se imaginar como uma nação” (LAGARES, 2018, p. 50). A língua nacional, contudo, assim como a nação, foi uma realidade construída historicamente, em um processo que durou alguns séculos.

Ao longo desses séculos, interessados em criar uma língua nacional unificada, os Estados Nacionais, normalmente, atuaram de duas formas: por um lado, conferiram, direta ou indiretamente, o *status* de língua nacional a uma única variedade, em detrimento de outras – planejamento linguístico de *status* –; por outro lado, muniram essa variedade de diversas normas, que a regularam, e de diversos documentos escritos, que a promoveram e lhe deram validade – planejamento linguístico de *corpus*³. É notável, entretanto, que ambos movimentos não aconteceram separadamente na história das línguas nacionais. Pelo contrário, devem ser pensados como interdependentes, se fortalecendo mutuamente.

A construção das línguas nacionais remonta à Europa Central do século XVI. Segundo Auroux (2014), observa-se, já no século XVI, uma crescente publicação de gramáticas de línguas vernaculares europeias. Ainda, segundo a autora, o movimento de “gramatização”, contemporâneo ao nascimento e fortalecimento dos Estados-Nação, constituiu-se como uma verdadeira política linguística, cujo intuito era *criar* uma língua nacional unificada (AUROUX, 2014). Dito isso, é preciso salientar que o surgimento dessas gramáticas não pressupõe a existência de uma língua nacional pré-estabelecida. Pelo contrário, na época, diversas variedades linguísticas coexistiam em um mesmo Estado, e essas gramáticas surgiram no sentido de conferir o *status* de língua nacional a uma única variedade.

Nos séculos XVII e XVIII, a questão do “uso correto” da língua e do *standard* ganhou cada vez mais espaço na Europa, com a proliferação de gramáticas prescritivas, dicionários e outros manuais (EDWARDS, 2002). Ao mesmo tempo, vemos a criação de academias que têm como objetivo promover e normatizar as línguas nacionais, como a *Accademia della Crusca* (1582), a *Académie française* (1635) e a *Real Academia Española* (1713).

No século XVIII, com os ideais nacionalistas propagados pela França pós-Revolução, assim como pelo romantismo alemão – principalmente na figura de Herder –, a relação entre nação, identidade e língua nacional passa a ser ainda mais

³ Utilizamos a nomenclatura “planejamento linguístico de *corpus* e de *status*” baseando-nos em Calvet (2007).

consolidada. Esses nacionalismos, em última instância, legitimaram e difundiram a ideologia do Estado monolíngue – ou, como diz o *slogan*, “uma nação, uma língua”.

No século XIX, assistimos à consolidação dos Estados Nacionais e das línguas nacionais, tanto no que se refere ao seu *status* quanto ao seu aparato gramatical-normativo. É notável, contudo, que essas línguas, apesar de terem sido sistematicamente construídas e, de certa forma, impostas como nacionais há alguns séculos, se tornaram realmente de conhecimento comum dos cidadãos somente na história bem recente, através do surgimento da educação pública, da imprensa e do mercado editorial.

Criado pelos Estados-Nação europeus, o modelo monolíngue nacional teve uma repercussão global, visto que foi “exportado e difundido, como efeito da colonização, por todo o planeta” (LAGARES, 2018, p. 58). Isso, contudo, resultou em um certo apagamento do plurilinguismo, que, no entanto, ainda é predominante no cenário mundial:

While there exists something like 5,000⁴ languages in about 200 countries, a fact which itself argues for the prevalence of multilingualism, only a quarter of all states recognize more than one language. Also, even those countries in which two or more varieties have legal status, one language is usually predominant, or has regional limitations, or carries with it disproportionate amounts of social, economic and political power. (EDWARDS, 2002, p. 1-2).⁵

Na Europa, berço da ideologia monolíngue, a Bélgica e a Suíça, por exemplo, são vistas como exceções em seu plurilinguismo. Suas realidades linguísticas, contudo, não são nem comparáveis à diversidade linguística de certos países africanos e asiáticos – como a Nigéria, onde cerca de 517 variedades são faladas, ou a Índia, com 447 variedades linguísticas⁶. É nesses casos que se torna evidente como o Estado-Nação monolíngue é uma construção histórica. Para além das inúmeras violências que gerou contra falantes de outras línguas, quando imposto, encontrou obstáculos para se concretizar frente a certos cenários profundamente heteroglóssicos.

4 Esse dado estaria desatualizado. Segundo o *Ethnologue*, atualmente existiriam cerca de 7 mil línguas vivas no mundo. Disponível em: <www.ethnologue.com>. Acesso em: 20 jun. 2019.

4 “Enquanto existem aproximadamente 5 mil línguas em cerca de 200 países – um fato que, por si só, explicita a prevalência do multilinguismo –, somente um quarto de todos os Estados reconhece mais de uma língua. Além disso, mesmo naqueles em que duas ou mais variedades detêm um *status* legal, uma língua normalmente é predominante ou apresenta limitações regionais ou traz consigo uma concentração de poder econômico, social e político desproporcional”, tradução nossa.

6 Dados retirados de: <www.ethnologue.com>. Acesso em: 20 jun. 2019.

A globalização, entretanto, vem relativizar o poder dos Estados Nacionais sobre as línguas. Surgem pressões tanto a nível supranacional quanto a nível local que, de certa forma, desvelarão os limites da ideologia monolíngue.

No âmbito supranacional, a acelerada integração político-econômica, que se materializa no surgimento de diversas instituições, empresas e organizações internacionais, assim como a compressão do espaço-tempo, proporcionada pela Internet e pelos avanços tecnológicos, trazem à tona a questão da intercompreensão entre falantes de diferentes línguas. Nesse cenário, cresce a preocupação com as políticas linguísticas relacionadas às línguas de comunicação global: deve-se dar prioridade ao estabelecimento de uma *língua franca*? Ou, pelo contrário, considerar a diversidade de línguas existentes?

Por um lado, o imperialismo linguístico, que se iniciou na época das Grandes Navegações e continuou durante a Primeira e Segunda Guerra Mundiais, ganha uma nova dimensão na era globalizada, com a Internet e as novas tecnologias. Nesse contexto, o inglês se estabelece como a língua do progresso, dos negócios, da ciência e da tecnologia, mas também da indústria cultural e das mídias digitais. Tornou-se, naturalmente, uma das línguas mais ensinadas e utilizadas globalmente. Segundo Crystal (2003), o inglês é a língua mais falada no mundo; seus falantes, nativos ou não, chegam a totalizar cerca de um quarto da população mundial. Concomitantemente, vemos emergir as “fonias” – francofonia, germanofonia, hispanofonia, lusofonia –, iniciativa dos Estados europeus, em uma tentativa de concorrer com a língua inglesa como língua de comunicação global (CALVET, 2002).

Por outro lado, almejando conferir igual valor a diferentes línguas, algumas organizações internacionais passaram a adotar mais de uma língua oficial, sobretudo a nível regional. É o caso da União Europeia, que reconhece como línguas oficiais as línguas administrativas de todos os seus Estados integrantes, e ainda recomenda aos cidadãos europeus o aprendizado de pelo menos duas línguas estrangeiras. Essa nova constelação de tendências na relação entre língua e nação parece mais compatível em termos de uma “democracia cultural” (FISHMAN, 2006), que busca corrigir os erros do passado, originados pela ideologia do monolinguismo de “uma nação, uma língua”.

A política da União Europeia de valorização da diversidade linguística, por sua vez, está em consonância com os debates sobre direitos coletivos e sociais e, mais precisamente, sobre direitos das minorias, que emergem no final do século XX e início

do XXI. Assiste-se, nesse período, a uma efervescência de discussões acerca dos grupos linguísticos minorizados – normalmente, populações nativas, imigrantes, refugiados – e seus direitos, em um esforço de reconhecimento e preservação.

Em 1992, é aprovada a *Declaração Sobre os Direitos das Pessoas Pertencentes a Minorias Nacionais ou Étnicas, Religiosas e Linguísticas*, na Assembleia Geral da ONU. Quatro anos depois, é publicada a *Declaração Universal dos Direitos Linguísticos*, assinada pela UNESCO e por diversas organizações não-governamentais. No mesmo ano, em 1998, a UNESCO publica a primeira edição do *Atlas Mundial das Línguas Ameaçadas de Extinção* – sendo lançada em 2002 a segunda edição e, em 2009, a terceira edição, dessa vez *online*. Em 2001, a *Declaração Universal da Diversidade Cultural*⁷ é adotada pela UNESCO, afirmando que a diversidade cultural é tão necessária para a humanidade quanto a biodiversidade para a natureza. Essas iniciativas, por sua vez apenas traduziram demandas concretas de certas comunidades linguísticas a nível local.

No âmbito local, diversas línguas minorizadas serão finalmente reconhecidas perante alguns Estados nos séculos XX e XXI. Por exemplo, atendendo a uma reivindicação histórica, a constituição espanhola de 1978 reconheceu o catalão, o basco e o galego como línguas cooficiais da Espanha. O mesmo se dá com o tamazigue, reconhecido como língua cooficial do Marrocos, na Constituição de 2011. Na Nova Zelândia, a língua autóctone⁸ maori começou a ser reconhecida como língua oficial a partir de 1987 e está, atualmente, ganhando mais espaço no país. O governo neozelandês prometeu oferecer aulas na língua maori em todas as escolas do país até 2025⁹. No Brasil, a constituição de 1988 reconheceu o direito dos indígenas às suas línguas. Segundo Lagares (2018), a partir de 2002, línguas indígenas e línguas de imigração – como o nheengatu, o tucano, o baniua, o pomerano, o talian, o hunsrückisch – começaram a ser cooficializadas em municípios brasileiros. O exemplo mais representativo, no entanto, é o da Bolívia, que de fato rompe com o ideal monolíngue ao oficializar, em 2009, 36 línguas junto com o castelhano (LAGARES, 2018).

7 Disponível em: <http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/diversity/pdf/declaration_cultural_diversity_pt.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.

8 Nos estudos linguísticos, o termo “língua autóctone” é comumente empregado para designar as línguas indígenas.

9 Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/09/antes-proibida-lingua-maori-tem-renascimento-na-nova-zelandia.shtml>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

Considerando todos esses movimentos, observa-se que, na era globalizada, as demandas linguísticas tanto globais quanto locais parecem ir de encontro à ideologia monolíngue estatal. Isso é um desdobramento do 'glocal': como apontou Franco (2003), as reivindicações por mudança, na era globalizada, não se têm dado na esfera nacional e, sim, em âmbito supranacional – global – e subnacional – local. Certamente, a ideologia monolíngue ainda não foi superada, mas a globalização a põe em xeque ao desvelar que o plurilinguismo é uma realidade inegável.

3.2 GLOBALIZAÇÃO E CAPITALISMO: A MERCANTILIZAÇÃO DAS LÍNGUAS

A economia, de modo geral, exerce igualmente influência sobre as relações linguísticas do mundo globalizado. As línguas, sob a lógica capitalista, irão tornar-se *mercadorias*, às quais será atribuído determinado *valor*.

Ao cunhar termos como *capital linguístico*, *valor do discurso*, *mercado linguístico*, Bourdieu (1977) foi o primeiro autor a elaborar uma teoria que transpusesse a lógica do mercado para o campo da linguística. O sociólogo, diferentemente da maioria dos linguistas da época, não enxergava a língua apenas como instrumento de comunicação, mas também como instrumento de poder. Segundo ele, as interações linguísticas implicam relações de poder simbólico. Nesse sentido, o discurso adquire um dado valor simbólico dependendo das relações tecidas entre os interlocutores – ou entre os grupos a que pertencem – e do mercado linguístico em que se insere. Bourdieu (1977), contudo, se deteve principalmente no estudo da variação intralinguística, salientando a autoridade e o poder da dita *língua legítima* sobre as demais variedades.

Calvet (2002), por sua vez, lançou mão do conceito de mercado linguístico para abordar as relações interlinguísticas no mundo. Em seu livro *Le Marché des langues: Les Effets linguistiques de la mondialisation*, ele argumentou que a globalização e a lógica mercadológica, própria dela, criaram um verdadeiro mercado das línguas do mundo, onde essas “são fortemente hierarquizadas e têm cotações, à maneira das ações da bolsa” (CARBONI, 2014, p. 149). Nesse caso, a língua seria um bem cultural cujo valor simbólico seria mais alto quanto maior a quantidade de falantes e quanto maior a sua influência geopolítica. Mesmo o mercado apresentado por Calvet (2002) sendo uma metáfora, certamente essa encontra eco no mundo concreto, onde a sociedade de fato atribui valores diferentes a diferentes línguas – o que influencia, por

exemplo, na escolha da língua estrangeira a ser aprendida, na escolha de quais competências linguísticas a empresa exige, etc.

A mercantilização das línguas no mundo globalizado, porém, vai além da atribuição de um valor simbólico às línguas. Atualmente, a língua tornou-se de fato uma mercadoria. Heller e Duchêne (2012) abordam esse aspecto, apontando que ele é acompanhado por uma mudança ideológico-discursiva.

A formação de Estados-Nação está intrinsecamente ligada à constituição e regulação do mercado nacional, em meio ao capitalismo industrial, por uma burguesia emergente. Nesse sentido, como vimos na seção anterior, a língua teve um importante papel de construir sentimentos de pertença e de legitimar a ideia de nação e, conseqüentemente, o controle político-econômico por parte da burguesia nacional. A língua, no contexto do Estado Nacional moderno, estaria ligada à identidade nacional, à cidadania, ao patriotismo.

A era globalizada, por sua vez, segundo Heller e Duchêne (2012), caracteriza-se por cinco processos interconectados que modificaram significativamente as relações político-econômicas no mundo. Dentre eles, destacam-se a expansão de capital para além das fronteiras nacionais e o desenvolvimento acentuado do setor terciário. Aliados, esses fatores significam, em linhas gerais, a multiplicação, na economia mundial, de empresas transnacionais que prestam serviços. A língua, nesse contexto, virou uma ferramenta primordial ou, mais precisamente, a própria matéria do mundo do trabalho: trata-se da *parole-d'œuvre* (DUCHÊNE, 2011, p. 83). Em outras palavras, as competências linguísticas viram uma habilidade *sine qua non*, elas são indispensáveis no processo de trabalho ou, mesmo, são o próprio produto. Sobre isso, Heller e Duchêne (2012) comentam:

We see increased activity in many areas where language is central not just as the process but as the product of work (Boutet 2008; Duchêne 2009; Heller and Boutet 2006): translation, language teaching, voice recognition, as well as language-based arts, marketing and information. These “language industries” are among the hallmarks of late capitalism. (HELLER; DUCHÊNE, 2012, p. 13).¹⁰

9 “Vemos uma crescente atividade em muitas áreas onde a língua é central não apenas no processo, mas também como produto de trabalho (Boutet 2008; Duchêne 2009; Heller and Boutet 2006): tradução, ensino de língua, reconhecimento de voz, assim como em artes, marketing e informação que têm como base a língua. Essas “indústrias da língua” estão entre os marcos do capitalismo tardio.”, tradução nossa.

Soma-se a isso um outro aspecto citado por Heller e Duchêne (2012): a crescente distinção das mercadorias como estratégia de mercado. Esse processo de distinção surge como uma resposta à necessidade, frente à grande competitividade, de se criar nichos de mercado. Desse modo, são mobilizados aspectos particulares, locais e, em suma, linguístico-identitários no âmbito da publicidade e da venda de mercadorias. A língua, ligada à identidade e à autenticidade, é transformada em *valor agregado* no mercado. Novamente, o global e local se articulam: em um mercado cada vez mais globalizado, as mercadorias se particularizam, mobilizando a autenticidade da cultura regional e das línguas locais. São exemplos disso produtos com *slogans* ou dizeres em línguas regionais ou locais (HELLER, 2005).

Nota-se, então, que a língua, no mercado globalizado, cumpre um duplo papel: ela é a própria mercadoria e, ao mesmo tempo, fonte de valor simbólico, distintivo, de autenticidade. Dito isso, é natural que as empresas transnacionais, que atendem diversos países, contratem, cada vez mais, falantes plurilíngues. As empresas veem na *parole-d'œuvre* dos empregados plurilíngues uma maior rentabilidade, dado que suas múltiplas competências linguísticas articulam grande eficácia à redução de custos na realização de serviços (DUCHÊNE, 2011, p. 85).

Isso faz com que, paradoxalmente, enquanto, por um lado, o caráter identitário da língua é visto como valor, assistamos, por outro, a “taylorização”¹¹ das competências linguísticas como um meio de as empresas controlarem o trabalho e maximizarem os lucros. Em uma tentativa de mensurar e padronizar os recursos linguísticos, os trabalhadores plurilíngues são orientados a seguir *scripts* e têm suas falas robotizadas, fazendo com que as línguas sejam desvinculadas do seu valor cultural, identitário – em suma, humano – para se tornar uma simples habilidade técnica, com viés altamente utilitarista (HELLER; DUCHÊNE, 2012, p. 12-13).

O processo de mercantilização das línguas, para além de explicitar uma série de mudanças materiais, também opera mudanças ideológico-discursivas¹². O discurso da língua como identidade e cultura, em consonância com as ideologias

11 Esse neologismo faz alusão ao taylorismo, sistema de organização do trabalho desenvolvido por Frederick Winslow Taylor e tendo como objetivo, sobretudo, o aumento da eficiência a nível operacional. Heller e Duchêne (2012) evocam esse sistema de organização para apontar que as empresas do setor terciário visam tornar a língua um produto técnico e padrão, sendo um meio de regular a produção e maximizar os lucros.

12 Com isso, não queremos dizer que os novos discursos automaticamente substituirão os antigos; pelo contrário, eles coexistem no mundo globalizado e podem, mesmo, se misturar (HELLER; DUCHÊNE, 2012, p. 3).

nacionalistas, começa a dar lugar a um discurso sobre o *valor* que a língua pode agregar, adequando-se à lógica do capital. Ou, então, o discurso identitário é cooptado em prol de uma lógica mercadológica. O plurilinguismo – antes desvalorizado e, mesmo, reprimido pelos Estados-Nação, que visavam à homogeneização monolíngue – começa a ser enaltecido pelas empresas transnacionais. Essas o veem como fonte de lucro e como ferramenta de *marketing* positivo da empresa, por significar uma aparente valorização da diversidade (DÛCHENE, 2011).

Esse fenômeno de valorização do plurilinguismo, porém, deve ser relativizado: ele não significa necessariamente uma vitória do ponto de vista da defesa da diversidade linguística. Aos moldes do mercado de Calvet (2002), apresentado anteriormente, as línguas não são igualmente valorizadas no mercado de trabalho. Nesse sentido, a pesquisa de campo de Duchêne (2011) é bem representativa, ao mostrar quais são as competências linguísticas exigidas pela empresa estudada, e que essas competências variam segundo o grau de hierarquia dos funcionários. Nesse sentido, há a valorização de certos plurilinguismos em detrimento de outros, sendo alguns trabalhadores taxados pela empresa como falantes de “línguas exóticas” [*sic*].

Para além disso, Duchêne (2011) afirma que as competências linguísticas são normalmente banalizadas e naturalizadas, o que se traduz na falta de investimento e reconhecimento por parte da empresa. Por fim, percebemos que quem realmente ganha com o plurilinguismo são os empregadores, visto que, segundo o mesmo autor, os funcionários plurilíngues empregados no setor de serviços, normalmente, são mal remunerados e não recebem recompensa alguma por suas competências linguísticas.

Dito isso, é notável que, embora o plurilinguismo seja cada vez mais presente e, mesmo, requisitado dentre as empresas, não há uma real valorização das diferentes línguas. A lógica latente, desse modo, continua a ser monolíngue: certas línguas valem mais do que outras e a diversidade linguística e identitária é valorizada apenas quando gera lucro para a empresa.

3.3 SISTEMA LINGUÍSTICO GLOBAL

Em seu livro *Words of the World*, De Swaan (2001) sustenta a visão de que o mundo contemporâneo globalizado pode ser entendido como um sistema global. Esse sistema, por sua vez, se desdobraria em inúmeras dimensões (econômica, política,

cultural, ecológica). Seguindo essa lógica, De Swaan se propõe a explorar a dimensão linguística do sistema global à semelhança de línguas que circundam a órbita de línguas mais ou menos dominantes.

Segundo o autor, a humanidade, mesmo separada em diferentes grupos linguísticos, mantém-se conectada graças ao fenômeno global do plurilinguismo. As línguas, contudo, não seriam conectadas de maneira aleatória. Pelo contrário, “*the scheme of all the world’s languages and multilinguals that connect them displays a strongly ordered, hierarchical pattern*” (DE SWAAN, 2001, p. 4).¹³

De Swaan desvela, então, esse padrão hierárquico com o auxílio de uma metáfora: cada língua faria parte de uma espécie de constelação, e o sistema linguístico global formaria uma galáxia de línguas.

Na base desse sistema, estariam as línguas periféricas. Segundo o autor, elas constituem cerca de 98% das línguas do mundo; são faladas, contudo, por menos de 10% da população mundial.

Essas línguas são normalmente caracterizadas como línguas de memória, línguas orais, com poucos ou nenhum registro documental. No sistema de De Swaan, essas línguas seriam como satélites que gravitam em torno de planetas – esses que, por sua vez, seriam línguas centrais.

Constituindo outra categoria, as línguas centrais somariam cerca de uma centena de línguas mundiais e seriam usadas por aproximadamente 95% da humanidade. Línguas escritas e com diversos registros, elas são comumente línguas nacionais e, muitas vezes, oficiais. São, de maneira geral, usadas no ensino, na mídia, na literatura e na política. Essas línguas, por sua vez, seriam planetas que orbitam em torno de um Sol – que é uma língua supercentral.

As línguas supercentrais equivalem a doze línguas que, na análise de De Swaan, preencheriam determinados requisitos em termos de número de falantes e área de domínio: árabe, chinês, inglês, francês, alemão, hindí, japonês, malaio, português, russo, espanhol e suaíli. Segundo o autor, cada uma delas, com exceção do suaíli, possui mais de cem milhões de falantes e conecta uma série de falantes de línguas centrais, que utilizam a língua supercentral do seu sistema para se comunicar entre si.

13 “O esquema das línguas de todo o mundo e do multilinguismo que as conecta apresenta um padrão fortemente ordenado e hierárquico.”, tradução nossa.

Por fim, no centro da galáxia encontra-se, nesse modelo, a única língua hipercentral, representada pelo inglês. Sendo atualmente a língua mais falada no mundo, o inglês, segundo De Swaan, mantém unido todo o sistema linguístico global:

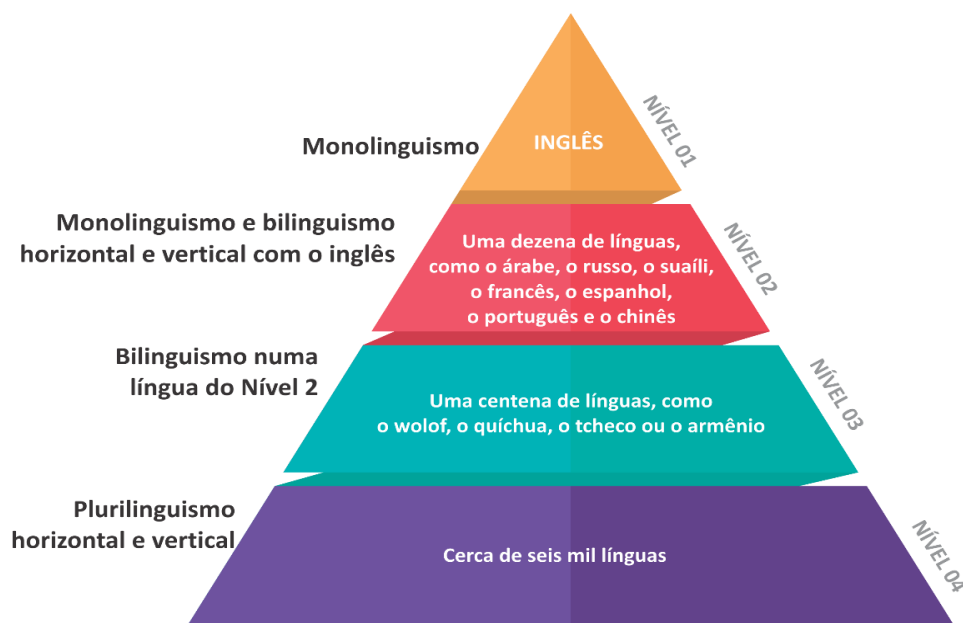
If an Arab and a Chinese, a Russian and a Spaniard, or a Japanese and a German meet, they will almost certainly make themselves understood in the one and the same language, one that connects the supercentral languages with one another and that therefore constitutes the pivot of the world language system. This 'hypercentral' language that holds the entire constellation together is, of course, English. (DE SWAAN, 2001, p. 6).¹⁴

Em seu modelo do sistema global das línguas, De Swaan, além de classificar as línguas do mundo, utiliza a metáfora da galáxia para também explicar como se dão, nesse sistema complexo e hierárquico, as relações entre as línguas. É curioso notar que, normalmente, a aprendizagem de línguas se dá em direção centrípeta – ou seja, da periferia para o centro da galáxia. Em outras palavras, os falantes preferem aprender línguas que estão em um nível hierárquico mais alto, que estão em uma posição mais central na galáxia (DE SWAAN, 2001). Ele explica esse princípio através dos conceitos de prevalência e centralidade das línguas. O primeiro indica a possibilidade de comunicação direta com demais falantes através da língua, enquanto o segundo informa a possibilidade de comunicação indireta com falantes de outras línguas, por exemplo, através da tradução. Segundo o autor, de modo geral, há mais probabilidade de uma língua ser falada, quanto maior for sua prevalência – isto é, quanto maior o número de falantes dela no sistema – e quanto mais central sua posição – isto é, quanto maior o número de falantes dessa língua que também são plurilíngues.

Calvet (2012), baseando-se no modelo de De Swaan (2001), divide as línguas em quatro níveis, cada um deles correspondendo também a um certo padrão linguístico seguido por seus falantes. De maneira geral, quanto mais alto o nível, maior a tendência ao monolinguismo. Inversamente, quanto mais baixo o nível, maior a tendência ao plurilinguismo horizontal e vertical. A Figura 2, a seguir, ilustra essas relações no sistema:

¹⁴ “Se um árabe e um chinês, um russo e um espanhol ou um japonês e um alemão se encontram, eles muito provavelmente se farão entender por uma única e mesma língua, que conecta as línguas supercentrais entre si e que então constitui o pivô do sistema linguístico global. Essa língua ‘hipercentral’ que mantém unida toda a constelação é, evidentemente, o inglês.”, tradução nossa.

Figura 1 – Classificação das línguas do mundo segundo Calvet (2002)



Fonte: Elaborada pela autora.

Nota-se que, se os esquemas de De Swaan (2001) e Calvet (2012) explicitam que os falantes bilíngues e plurilíngues são maioria e de suma importância para a comunicação global, eles também evidenciam que o plurilingüismo está ligado a uma valorização desigual das línguas do mundo. Em outras palavras, os autores trazem à tona o fato de que o plurilingüismo é mais expressivo, em linhas gerais, dentre os falantes de línguas não-dominantes. Novamente, concluímos que a lógica subjacente às relações linguísticas, no mundo globalizado, continua a ser a lógica monolíngue: os falantes de línguas dominantes são, via de regra, monolíngues, e subsiste a valorização de certa(s) língua(s) em detrimento de outras.

Este capítulo tinha como intuito esboçar um quadro geral das línguas e do plurilingüismo no mundo globalizado. Partindo do contexto socio-histórico – e, assim, abordando as questões tanto políticas quanto econômicas –, conseguimos perceber como a globalização afetou as relações linguísticas atuais. Assistimos, de modo geral, a uma maior visibilidade do plurilingüismo, mesmo que isso não signifique que a ideologia monolíngue tenha sido superada nem que o plurilingüismo seja de fato valorizado no meio político e econômico.

Vimos igualmente que, cada vez mais interligadas em um sistema global, as línguas seguem, todavia, um padrão hierárquico, como aponta De Swaan (2001). Isso,

por sua vez, se desdobra em diversas consequências no sistema global e local das línguas: quais línguas são consideradas de comunicação global, nacionais, ou quais línguas ainda lutam por reconhecimento; quais línguas são mais ensinadas e aprendidas; que línguas o mercado exige e valoriza etc. Conforme apontamos, esse padrão hierárquico também afeta a probabilidade de monolinguismo, bilinguismo ou plurilinguismo dos falantes de uma dada língua.

Para além disso, é notável que subsistem tensões entre a ideologia monolíngue e a ideologia plurilíngue no mundo globalizado. Por um lado, ainda existe o ideal de língua única ou, então, a valorização de certa(s) língua(s) em detrimento de outras. Por outro lado, a diversidade linguística e o plurilinguismo estão cada vez mais presentes e ganhando mais reconhecimento perante o Estado e o mercado. No próximo capítulo, trataremos sobre algumas problemáticas relacionadas à ideologia monolíngue, assim como os espaços da ideologia plurilíngue no mundo globalizado.

4 MONOLINGUISMO E PLURILINGUISMO NA ERA GLOBALIZADA

4.1 MUNDO GLOBALIZADO REALMENTE DIVERSO LINGUISTICAMENTE?

O mito da língua única é o oposto complementar do mito de Babel: se, no caso de Babel, a diversidade de línguas levaria à confusão; uma língua única levaria, necessariamente, à perfeita intercompreensão. Esse mito encontra eco tanto a nível local quanto a nível global. A ideia de “uma nação, uma língua” se baseia nessa premissa: os habitantes de um mesmo país se comunicariam através de uma mesma e única língua, facilitando a administração e evitando “confusão e discórdia”.

Em escala global, as línguas francas têm trazido consigo o mito da língua única. Não raro, tem-se a ilusão de que, ao se impor como língua de comunicação global, o inglês seria suficiente para dar conta de qualquer tipo de comunicação em qualquer lugar do mundo. Pouco se fala, porém, da variação inerente à própria língua inglesa, nas diferentes matrizes nacionais (britânica, americana, australiana, indiana etc.). O mesmo acontece com a iniciativa das diferentes fonias: francofonia (*Alliance Française*), germanofonia (*Goethe-Institut*), hispanofonia (*Instituto Cervantes*), lusofonia (*Instituto Camões* etc.), arabofonia etc. Propaga-se a ideia de que falantes espalhados por vários lugares do mundo falariam de fato a mesma língua e criariam uma espécie de comunidade supranacional. As diferenças entre as variedades faladas, desse modo, são apagadas em prol da ideia de unicidade. Por fim, a tese da língua única também subjaz a criação de línguas artificiais – como esperanto, ido, latino sine flexione, novial, volapük, dentre outras. Não pertencendo a nenhum país ou comunidade, essas línguas seriam neutras e idealmente usadas para a comunicação entre falantes de diferentes línguas maternas.

A história, no entanto, desmente esse suposto poder conciliador da língua única, destacando muito mais o papel da diversidade para a intercompreensão e integração entre diferentes. De acordo com David Crystal (2003), o argumento de que o uso de uma mesma língua levaria à perfeita intercompreensão, à harmonia e à unificação é falacioso, como nos mostram as muitas guerras nacionais em países pretensamente monolíngues. Inversamente, a diversidade linguística não necessariamente leva ao caos, como explicitam os vários exemplos de países bilíngues, trlíngues, plurilíngues onde não há grandes conflitos.

A língua única, por sua vez, se encontra no centro da ideologia monolíngue, ainda muito presente no mundo globalizado. Segundo esta, a diversidade linguística

não é necessária; pelo contrário, é, mesmo, indesejável. Veremos, a seguir, como, no mundo globalizado, o mito da língua única encontra eco no inglês como língua de comunicação global. Observaremos também como a existência de uma espécie de *ranking* das línguas também se sustenta na lógica monolíngue, ao passo que expressa a valorização de certa(s) língua(s) em detrimento de outras e, em consequência disso, de certo(s) plurilinguismo(s) em detrimento de outros.

4.1.1 Inglês como a língua de comunicação global

4.1.1.1 Uma breve história da ascensão do inglês

O inglês tornou-se uma língua de comunicação global recentemente. Isso se deu principalmente por duas razões: a primeira, de natureza geopolítica; a segunda, sociocultural (CRYSTAL, 2003; LE BRETON, 2005).

Em sua obra *English as a Global Language*, Crystal (2003) explica a história da expansão do inglês. Segundo o autor, o primeiro passo para o inglês se tornar uma língua de alcance global ocorreu apenas no final do século XVI. Todavia, o crescimento dos falantes de língua inglesa entre o início do século XVII e o final do século XX foi enorme, sendo que a vasta maioria desses novos falantes não moravam no Reino Unido. De acordo com Crystal (2003), isso estaria intimamente ligado ao expansionismo britânico, que começou com as viagens pioneiras para as Américas, Ásia e Oceania e continuou, no século XIX, com a colonização da África e do sul do Pacífico.

De fato, o imperialismo britânico conquistou terras por todo o mundo. Conforme David Crystal (2003), os primeiros colonos ingleses chegariam aos EUA em 1607. Por volta de 1750, os ingleses começariam a povoar também o Canadá, e, vinte anos depois, estabeleceriam uma colônia penal em Sydney, na Austrália. Nessa mesma época, a Coroa descobriu as terras neozelandesas, porém essas ficaram oficialmente sob domínio britânico apenas em 1840. Alguns anos antes, em 1806, o controle britânico se estabeleceu também na África do Sul. No sul da Ásia, com a Companhia Britânica das Índias Orientais (1600), e depois, com o período de soberania britânica (1765-1947), os ingleses exerceram uma grande influência na Índia, no Paquistão, em Bangladesh, no Sri Lanka. Ao longo do século XIX, o Reino Unido colonizaria diversos países da costa oeste da África: Serra Leoa, Gana, Gâmbia, Nigéria e, mais tarde, no

século XX, Camarões. Também no século XIX, seria criada a *Companhia Britânica da África Oriental*, e países como Botsuana, Quênia, Lesoto, Malawi, Namíbia, Tanzânia, Uganda, Zâmbia, Zimbábue também ficaram sob o domínio inglês. Entre o século XIX e XX, vários países do sudeste asiático também seriam dominados pelos ingleses, principalmente Singapura, Malásia, Papua Nova Guiné e a região de Hong Kong.

Até o início do século XVIII, aponta Le Breton (2005), há uma disputa entre o inglês e o francês, este último sendo considerado como a língua “das pessoas cultas da Europa”. Contudo, após vitórias político-militares da Inglaterra, o inglês se impõe sobre o francês. Principalmente no final do século XIX e início do XX, o apogeu do imperialismo inglês, como já vimos, marca um aumento substancial na difusão e no prestígio da língua inglesa.

Ainda, segundo Le Breton (2005), ao longo do século XX, outras duas línguas ameaçariam o domínio do inglês: o alemão, quando a Alemanha se tornara uma nova potência europeia, e o russo, na época da URSS. Todavia, nos dois casos, as línguas não conseguiram desbancar a posição preponderante do inglês no cenário internacional. Isso porque, se a Inglaterra perdeu espaço como potência mundial no decorrer do século XX, ocorre, concomitantemente, um crescente avanço dos Estados Unidos.

Principalmente após a Primeira Guerra, continua Le Breton (2005), com a relativa recessão das potências europeias, os Estados Unidos começaram a se destacar cada vez mais no plano global. Os avanços econômicos estadunidenses durante a Segunda Guerra, assim como a expansão de sua influência política, transformaram os Estados Unidos em uma superpotência mundial, competindo apenas com a URSS. Sabemos, contudo, que essa nova ordem mundial bipolar, correspondente à época da Guerra Fria, não durará muito tempo. A dissolução da União Soviética, em 1991, significou o triunfo não apenas do capitalismo, mas também dos EUA, que se tornaria a superpotência mundial.

Dito isso, a história da hegemonia do inglês não pode ser dissociada da história das vitórias políticas, econômicas e militares dos povos de língua inglesa. A mais recente difusão do inglês beneficiou-se das repetidas conquistas político-econômicas dos Estados Unidos. Traçando um panorama da história da expansão do inglês, pode-se dizer que “[...] era uma língua nacional nos séculos XVI e XVII, tornou-se uma língua imperial nos séculos XVIII e XIX e, por fim, língua mundial durante a segunda metade do século XIX” (LE BRETON, 2005, p.14). Contudo, seria reducionista afirmar

que o inglês se tornou essa língua mundial apenas graças às conquistas políticas e territoriais do Reino Unido e dos Estados Unidos.

Outros fatores consolidaram a difusão do inglês e consolidaram seu *status* de língua global. Se a expansão da língua inglesa, até o início do século XIX, deu-se principalmente *a ferro e fogo* pela Coroa Britânica, a partir da metade do século XIX, veremos que a consolidação da língua se deu de forma mais indireta, através da influência sociocultural. Na verdade, o inglês tornou-se uma língua de alcance global justamente pois, como Crystal (2003, p.77-78) afirma, “*English language has repeatedly found itself ‘in the right place at the right time’*”¹⁵. O inglês tornou-se uma língua de difusão planetária, sem precedentes na história, precisamente pelas circunstâncias engendradas pela globalização.

Principalmente após as duas grandes guerras, o inglês tornou-se a língua das relações internacionais: a esmagadora maioria dos órgãos políticos supranacionais adotam a língua inglesa como língua franca, e ela é vista, pelas empresas multinacionais, como o esperanto dos negócios. Isso, porém, não se restringiu apenas às instâncias formais. O inglês também se tornou a língua de comunicação internacional na esfera do turismo e na Internet.

Sendo os países de língua inglesa pioneiros nas mídias, eles, desde o século XIX, dominaram a imprensa e, até hoje, as grandes agências de notícia realmente globais são de língua inglesa (LE BRETON, 2005). Apesar do rádio – que, aliás, também era encabeçado pelos países de língua inglesa – atualmente não ser mais tão significativo, a Internet e a televisão demonstram que o domínio na área de comunicação e entretenimento continua anglófono. Isso está intimamente relacionado a outro dado: os Estados Unidos são o número 1 nas indústrias culturais – músicas, filmes, séries etc.

O inglês se tornou a língua da ciência e da pesquisa, principalmente após o século XX. Ainda no século XIX, sendo a Inglaterra o berço da Revolução Industrial, o inglês tornou-se a língua das inovações e da nova terminologia tecnológica e científica. Ao mesmo tempo, os Estados Unidos também despontavam nos avanços na ciência e tecnologia. Segundo Crystal (2003), entre 1750 e 1900, praticamente metade das produções influentes da área tecno-científica foram escritas em inglês. Isso foi acentuado no século XX: com o *brain drain* – também chamado de fuga de cérebros

15 “A língua inglesa esteve, repetidas vezes, ‘no lugar certo, na hora certa’.”, tradução nossa.

–, na época da Segunda Guerra Mundial, e com a política de acolhimento de estudantes estrangeiros, os Estados Unidos seguiram no topo das inovações e descobertas tecnológicas e científicas (LE BRETON, 2005).

Por esses motivos, o inglês é aprendido no mundo todo também como meio de ascensão social. Em outras palavras, dado que o inglês é associado não só aos negócios e às relações internacionais, mas também ao turismo, à ciência, à tecnologia, à indústria cultural, ele é visto como um degrau para a conquista de um emprego melhor, de um salário mais alto – em suma, de maior sucesso econômico e profissional.

Le Breton (2005) conclui, então, como o inglês, de língua imperial, tornou-se uma língua onipresente no cotidiano de pessoas por todo o planeta:

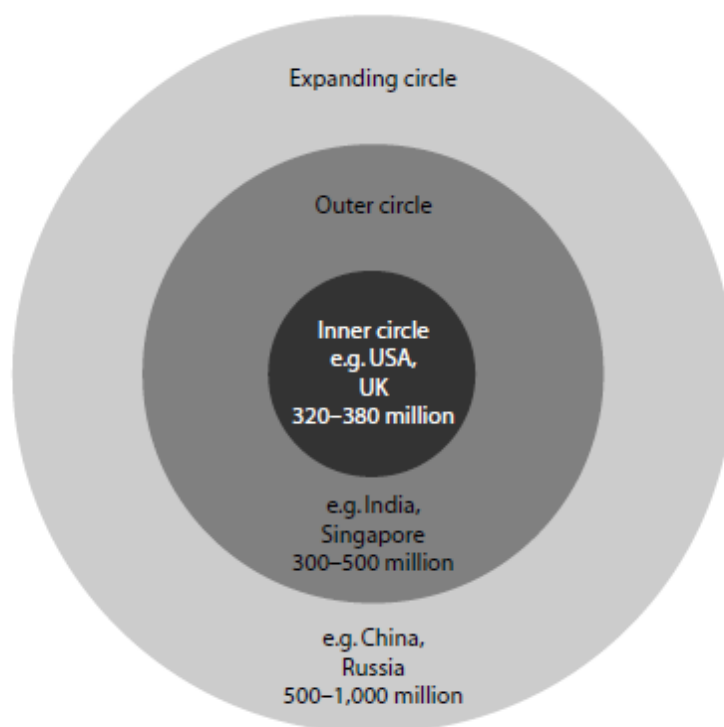
A língua inglesa refletiu, e consolidou, os avanços políticos e econômicos, inicialmente da Inglaterra, atualmente dos Estados Unidos. Estamos entrando em uma fase, não inteiramente nova, dissimulada pelo sucesso do inglês em função das realizações políticas, culturais, econômicas e sociais de países que praticam essa língua. Daqui por diante, a geopolítica do inglês é menos geográfica, menos vinculada ao fenômeno do progresso econômico da Inglaterra e dos Estados Unidos. Ela traduz o surgimento de uma nova relação de forças, que não é simplesmente *externa*, como era antes e continua a ser, mas *interior* a cada uma das sociedades presentes, a cada uma das empresas atuantes que tenham atingido um volume que as tornará – ou será capaz de torná-las – internacionais. (LE BRETON, 2005, p. 21).

4.1.1.2 Seria efetivamente uma língua franca?

É bem verdade que o inglês é, atualmente, a língua materna de diversos países, como Reino Unido, Estados Unidos, Canadá, Austrália, Nova Zelândia. Contudo, ser a língua materna de muitos falantes não seria suficiente para conferir o *status* de língua franca ao inglês: ele precisaria ser usado por outros diversos países em todo o mundo (CRYSTAL, 2003).

Para explicar a difusão do inglês, David Crystal (2003) criou um esquema que organiza as regiões onde se fala inglês em três níveis. No centro, estariam os países onde o inglês é a língua materna. No círculo intermediário, por sua vez, estariam os pontos onde a língua inglesa tornou-se importante no meio institucional e exerce a função de “segunda língua” em um cenário plurilíngue. Seria o caso, por exemplo, de Singapura, Índia, Malawi e mais de cinquenta países. Por fim, no círculo externo, estariam os países onde o inglês é ensinado como língua estrangeira. A título de exemplo, poderíamos mencionar a China, o Japão, a Grécia e o próprio Brasil.

Figura 2 – Os três círculos do inglês



Fonte: Crystal (2003, p. 61).

Como sublinha Crystal (2003), o inglês está atualmente presente em todos os continentes e nas ilhas dos três mais importantes oceanos, sendo também a língua estrangeira mais ensinada no mundo. Os falantes de língua inglesa, incluindo nativos e não-nativos, passariam de 1.500 milhões. Seria, de fato, uma língua de alcance global.

A necessidade de uma língua franca global se fez presente principalmente no século XX. A multiplicação de organismos internacionais, blocos econômicos, empresas multinacionais pressionavam a adoção de uma língua que seria de conhecimento comum. As empresas e a comunidade acadêmica, principalmente, apreciavam muito a ideia de uma única língua global, visto que veem a língua como simples meio de comunicação e costumam desvinculá-la de sua face política e de seu valor identitário. É natural que, dado esse contexto, o inglês fosse eleito para assumir tal posição. O inglês, segundo Gadriot-Renard (2005), virou a língua franca das instituições internacionais e, conforme Biplan (2005), o esperanto dos negócios.

É preciso, contudo, relativizar a ideia bastante generalizada em torno do domínio da língua inglesa por todos. Apesar de sua difusão global, a verdade é que a

língua inglesa ainda não é usada por pelo menos dois terços da população mundial (CRYSTAL, 2003). Isso, porém, pode gerar algum constrangimento por parte da pessoa que não domina o inglês, pois, dado seu *status* inquestionável de língua global, ela é a primeira e mais “natural” escolha entre falantes de línguas distintas. Supõe-se, assim, que a pessoa que não fala inglês ou, então, não fala suficientemente bem, esteja em desvantagem no mundo atual, principalmente quando sua profissão requer esse conhecimento.

Aliás, mesmo em situações em que os falantes não-nativos dominam inglês, eles estão, de certa forma, em desvantagem. Como aponta Gadriot-Renard (2005), mesmo quando a maioria dos participantes da reunião não são anglófonos, o inglês se impõe, visto que o único anglófono, normalmente, é monolíngue. Segundo a autora, soma-se a isso o fato de que, normalmente, não nos exprimimos com igual desenvoltura em uma língua estrangeira: novamente, os anglófonos levam vantagem.

Esse cenário, acarreta, deste modo, importantes problemáticas no contexto da comunicação global, já expostas acima:

- a) Há uma espécie de mito de que todos dominam o inglês;
- b) Em decorrência disso, há um consenso em relação ao uso do inglês entre falantes de línguas diferentes;
- c) Decorrente disso, ocorrem situações de constrangimento e/ou desvantagem por parte dos não-falantes de inglês;
- d) Também decorrente de b), os falantes de inglês não-nativos se encontram em desvantagem em relação aos anglófonos, dado que a língua inglesa não é sua língua materna, mas é a língua materna de outros participantes;
- e) Ainda decorrente de b), ocorre uma desvalorização de outras competências linguísticas. Em outras palavras, a ideia de que é menos importante ou, mesmo, inútil o aprendizado de uma língua estrangeira que não seja o inglês.

Esse último tópico está intimamente ligado a uma outra problemática – a hierarquização das línguas –, do qual trataremos na próxima seção.

4.1.2 *Ranking* das línguas e plurilinguismos

Muitos defendem, no meio científico, que é impossível hierarquizar as línguas por suas qualidades intrínsecas: sob esse ponto de vista, essas estão em pé de igualdade. É visível, contudo, que nem todas as línguas possuem as mesmas funções nem gozam do mesmo prestígio em sociedade. As línguas não são valorizadas da mesma forma. É nesse sentido que, atualmente, se costuma estabelecer uma espécie de *ranking* das línguas no mundo globalizado.

As classificações das línguas globais traçadas por De Swaan (2001) e Calvet (2002), apresentadas no terceiro capítulo, traduzem o fato de que as línguas não possuem o mesmo peso no sistema linguístico global. Sobre isso, Batalha e Pontes (2004) apresentam um olhar crítico:

Se, por um lado, o mundo globalizado promove uma aproximação entre as línguas, por outro, somos marcados por ideias e preconceitos herdados passivamente, e dos quais não conseguimos nos libertar. Como explicita Edouard Glissant (1983), existe uma relação de dominância e de fascínio diante das línguas de países adiantados tecnologicamente, relegando ao plano do folclórico e do exótico as outras línguas, notadamente as que não possuem escrita. (BATALHA; PONTES, 2004, p. 34).

De fato, podemos observar que essa é uma ideia compartilhada por vários setores da sociedade, que, de certa forma, reproduzem essa lógica de hierarquia das línguas. Podemos observar isso na escola, que prioriza o ensino de certas línguas em detrimento de outras; no mercado de trabalho, que demanda conhecimento em determinadas línguas; no Estado, que decide sua(s) língua(s) nacional/is e oficial/is; no seio da própria família, onde as mães e pais escolhem quais línguas seus filhos devem aprender etc.

Inúmeros fatores influenciam as posições ocupadas pelas línguas. Como vimos no capítulo anterior: considera-se se uma língua é ágrafa ou gráfica, seu número de falantes, seu *status* – língua oficial, nacional –, em que contextos é usada – mídia, documentos oficiais, escola –, sua abrangência – regional, nacional, internacional, mundial. Considerando todas essas variáveis, o resultado é uma diferença de *status* entre as línguas em questão.

Entretanto, mesmo que possamos esboçar uma hierarquia mundial das línguas, é preciso lembrar que as posições ocupadas pelas línguas também são relativas –

isto é, dependem das relações tecidas entre as línguas no contexto preciso que se analisa. A língua espanhola, por exemplo, é uma língua dominante na Espanha e em diversos países do mundo – em 19 países na América Latina e na Guiné Equatorial –, mas é uma língua minorizada nos Estados Unidos. Em suma, o *ranking* das línguas é, ao mesmo tempo, global e local.

Conforme exposto no terceiro capítulo, a posição das línguas no *ranking*, por sua vez, influencia o monolinguismo, o bilinguismo e o plurilinguismo dos falantes. Isso se deve ao fato de que, no mundo globalizado, há uma crescente necessidade de comunicação entre habitantes de diferentes cidades, regiões, países e, por isso, de maneira simplificada, quanto menor a área de abrangência de sua língua materna, maior a probabilidade de um falante se tornar bilíngue ou plurilíngue. É por isso que, em regra geral, os falantes de línguas consideradas minorizadas têm mais propensão a serem plurilíngues do que, por exemplo, os falantes de línguas nacionais. Inversamente, é também por esse motivo que os anglófonos são, normalmente, monolíngues – já que o inglês é visto como língua que dá conta da comunicação global.

Percebe-se, ao mesmo tempo, que o plurilinguismo é um fenômeno multifacetado. Tal pode ser igualmente visto como consequência do *ranking* das línguas. O plurilinguismo, por exemplo, de um boliviano que fala quíchua, aimará e espanhol, em vias gerais, não será tão valorizado quanto o plurilinguismo de um boliviano que fala, além de espanhol, inglês e francês. Em outras palavras, os plurilinguismos não são igualmente valorizados, pois, quanto mais próximo do topo do *ranking* estão as línguas faladas, mais valorizado é o plurilinguismo.

Mas, para além disso, é notável que as línguas e, conseqüentemente, os plurilinguismos sejam, a nível local, valorizados diferentemente dependendo da posição socioeconômica do falante. Nesse sentido, Smolicz (1979 *apud* ROMAINE, 1995) sinaliza o fato paradoxal de que o plurilinguismo em crianças migrantes é normalmente desencorajado, mas que este é incentivado quando é voltado para os grupos dominantes, através da aquisição de uma segunda língua na escola. Vemos, assim, que a ideologia monolíngue é uma forma de poder usada em prol de grupos dominantes, que acabam por orientar quais competências linguísticas são valorizadas em detrimento de outras e quais plurilinguismos devem ser incentivados em detrimento de outros. De fato, o Estado Nacional pratica, de certo modo, violências em prol da ideologia monolíngue, normalmente, quando seu alvo são os grupos

minorizados. Concluimos, desse modo, que o *ranking* das línguas e dos plurilinguismos está fortemente ligado ao poder político, social e econômico de certos falantes em escala local.

4.2 OS ESPAÇOS FAVORECEDORES DO PLURILINGUISTO

A última e mais recente atualização do *Ethnologue*¹⁶, publicada em 2018, apontou a existência de 7.111 línguas vivas no mundo. Apesar da dificuldade intrínseca à contagem de línguas – visto que o próprio conceito do que é uma língua é fluido e relativo –, esse censo aponta para um fato inegável: a imensa diversidade de línguas no mundo.

Frente a essa diversidade, como apontou De Swaan (2001), o plurilinguismo¹⁷ é o que conecta a humanidade. Principalmente após o advento da globalização e, assim, a conexão cada vez mais intensa entre diferentes partes do mundo, o plurilinguismo é a regra: os falantes plurilíngues são a maioria; o monolíngue – como diz o chiste – é uma espécie em extinção. Segundo García (2009), pelo menos dois terços das crianças no mundo crescem em um ambiente bilíngue, desenvolvendo, assim, competência em duas línguas.

É bem verdade que o plurilinguismo foi, por vezes, muito silenciado e, mesmo, reprimido no mundo. Os Estados Nacionais promoveram, durante sua história, muitas violências – sejam físicas ou simbólicas – contra falantes de línguas minorizadas em prol do monolingüismo. As colonizações também o fizeram: os povos nativos – quando não foram dizimados – sofreram violências sistemáticas contra sua língua e sua cultura através da imposição da língua e da cultura do colonizador. Isso, contudo, não é algo datado. Até hoje, há movimentos contra o plurilinguismo – é o caso, por exemplo, do atual movimento estadunidense chamado *English Only*.

No meio científico, o plurilinguismo também já foi visto com maus olhos. Algumas pesquisas chegaram a afirmar que o aprendizado de mais de uma língua era negativo, visto que significava que os recursos cognitivos do cérebro seriam divididos entre o número de línguas, acarretando uma redução da capacidade de aprendizagem e, mesmo, uma deficiência em cada língua (JESPERSEN, 1922; GOODENOUGH, 1926; SAER, 1924; SMITH, 1923 *apud* ROMAINE, 1995). Hoje, contudo, sabe-se que

16 Disponível em: <<https://www.ethnologue.com/>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

a correlação entre plurilinguismo e inteligência não é algo dado: não existe uma relação unívoca de causa-efeito. Nesse sentido, outros estudos contrapuseram os estudos anteriores e apontaram que o plurilinguismo pode acarretar mais flexibilidade cognitiva, pensamento criativo mais desenvolvido, habilidades metalinguísticas etc. (CARRINGER, 1974; LAMBERT, 1977; IANCO-WORRALL, 1972 *apud* ROMAINE, 1995). Dito isso, a relação entre plurilinguismo e inteligência é bem complexa e depende de diversas variáveis – por exemplo, o contexto econômico, familiar, linguístico em que o falante plurilíngue está inserido.

Para além dessas constatações, chegou-se também a idealizar o plurilinguismo, definindo, por exemplo, o verdadeiro bilíngue como um indivíduo com fluência igual e perfeita em ambas as línguas. Caso contrário, não seria considerado um verdadeiro bilíngue, como mostra o conceito de “semilinguismo”¹⁸. Atualmente, porém, já se aceita o fato de que um indivíduo bilíngue ou plurilíngue normalmente não detenha conhecimentos equivalentes em todas as línguas – ou seja, não tenha nem o mesmo tipo de competências, nem as competências igualmente desenvolvidas nas línguas – justamente porque o falante usa cada língua em contextos distintos, com objetivos também distintos.

Dito isso, abordaremos aqui onde o plurilinguismo tem de fato espaço. Isso, em outras palavras, significa apontar os lugares onde a diversidade de línguas é realmente aceita e valorizada, onde a diversidade linguística não é vista como indesejável e, sim, como uma realidade. As seções a seguir tratarão sobre os seguintes temas: educação bilíngue, plurilíngue e plurilinguística; tradução; internet e mídias digitais. Por óbvio, não é possível, aqui, uma análise exaustiva, e sim, pretende-se por ora muito mais: identificar os espaços onde o plurilinguismo tem voz e vez.

4.2.1 Educação bilíngue, plurilíngue e plurilinguística

Quando se pensa em ensino, normalmente se pensa em uma única língua sendo usada como meio de instrução em sala de aula. Isso porque a universalização do ensino, promovida por volta do século XX pelos Estados Nacionais, está fortemente vinculada à ideologia monolíngue – a língua ensinada e usada como meio de instrução

¹⁸ Cunhado por Hansegard (1962), o conceito de semilinguismo foi definido como o conhecimento limitado tanto da primeira quanto da segunda língua por parte do falante bilíngue.

seria a norma *standard* da língua nacional e oficial. Esse padrão perpetrou várias violências contra falantes de outras línguas, visto que essas outras línguas eram simplesmente ignoradas ou, mesmo, proibidas em prol do ensino e promoção da língua oficial do país.

Alguns modelos educação bilíngue e plurilíngue, por sua vez, apresentam-se como um espaço onde a diversidade de línguas e culturas pode existir. Cabe salientar, contudo, que educação bilíngue e plurilíngue não é o mesmo que cursos de línguas adicionais: enquanto estes ensinam línguas enquanto disciplinas, aquela emprega diferentes línguas no ensino dos mais variados conteúdos (GARCÍA, 2009). Alguns, no entanto, poderiam argumentar que certos cursos de línguas se valem das próprias línguas adicionais no ambiente de sala de aula, aproximando-se, assim, da educação bilíngue e plurilíngue. Mesmo assim, os modelos de educação bilíngue e plurilíngue assinalados nesta seção continuariam a se diferenciar dos demais cursos no que diz respeito a seu projeto político-pedagógico. Como explica García (2009):

(...) what continues to separate these two kinds of programs has to do with the broader general goal of bilingual education – the use of two languages to educate generally, meaningfully, equitably, and for tolerance and appreciation of diversity – and the narrower goal of second- or foreign-language teaching – to learn an additional language. (GARCÍA, 2009, p. 24).¹⁹

Essa questão é especialmente importante quando se trata da educação de imigrantes, refugiados, populações originárias, em suma, falantes de línguas minorizadas. Em diversos casos, falantes de línguas minorizadas não apresentam um bom desempenho escolar. Cummins (1986), porém, argumenta que isso está intimamente ligado às relações de poder e *status* tecidas entre grupos dominantes e dominados. O mau desempenho escolar, de maneira geral, é recorrente dentre estudantes que foram alienados de seus próprios valores culturais, que se sentem inferiorizados frente à cultura dominante e que internalizaram essa inferioridade. Inversamente, a educação bilíngue e plurilíngue, valorizando as diversas identidades culturais e linguísticas, pode ter o papel de *empoderar* os falantes de línguas minorizadas. Esses falantes, ao terem suas línguas e culturas reconhecidas no meio escolar, reforçam e valorizam sua identidade e ganham mais autoconfiança

19 “O que continua a separar esses dois tipos de programa é, de um lado, o objetivo geral e mais amplo da educação bilíngue – o uso de duas línguas para educar amplamente, significativamente, equanimemente e para a tolerância e a valorização da diversidade – e, de outro, o objetivo mais estrito do ensino de uma língua estrangeira ou de uma segunda língua – aprender uma língua adicional.”, tradução nossa.

(CUMMINS, 1986). Ainda, segundo o autor, isso resulta em um desempenho acadêmico melhor, mas também na formação de cidadãos mais empoderados, propensos a pleitear seus direitos e ocupar novos espaços na sociedade. Em última instância, a educação bilíngue e plurilíngue é capaz de não apenas educar satisfatoriamente falantes de línguas minorizadas, mas também de diminuir as desigualdades políticas, sociais e econômicas e, mesmo, pôr em xeque a desigual distribuição de poder que o sistema educacional normalmente reproduz.

Nem todo o projeto de educação bilíngue ou plurilíngue, contudo, é voltado a falantes de línguas minorizadas. Dado o contexto do mundo globalizado, muitas escolas se denominam bilíngues pois ensinam línguas dominantes a jovens que pertencem à elite socioeconômica de seu país. São alguns exemplos as escolas privadas bilíngues de turno integral, presentes principalmente na América Latina, África e Ásia, as ditas escolas internacionais ou, ainda, os programas de imersão (GARCÍA, 2009). Os últimos consistiriam, por exemplo, no caso de anglófonos que, no Canadá, estudam francês com o intuito de se tornarem bilíngues.

Nota-se, contudo, que esses programas citados acima diferem consideravelmente daqueles voltados a falantes de línguas minorizadas. Em primeiro lugar, visto que, na sua maioria, ensinam línguas de prestígio internacional – como francês, espanhol, alemão e, principalmente, inglês –, eles tendem a reforçar a hierarquia das línguas, onde as línguas com maior peso sociopolítico são mais valorizadas que as demais. Em segundo lugar, como apontado por García (2009), a lógica subjacente a esses programas continua a ser monoglóssica. Ou seja: os falantes aprendem as línguas como se fossem entidades separadas, como se adquirissem dois códigos monolíngues. Em último lugar, esse ensino não necessariamente promove a tolerância e valoriza a diversidade. Pelo contrário, não raro observa-se a tendência a se adequar à lógica etnocêntrica de valorização de algumas culturas em detrimento de outras. Nesse cenário, o ensino das línguas dominantes serve para manter a estrutura de poder vigente, que, por sua vez, desempodera falantes das demais línguas.

É preciso, entretanto, salientar que nem todos os programas voltados ao ensino de línguas dominantes seguem esse mesmo padrão. García (2009) cita diferentes fatores que influenciam no modelo de educação bilíngue/plurilíngue: fatores situacionais, operacionais e consecutivos. Dentre os fatores situacionais, destacam-se: quem são os estudantes, quais são seus repertórios linguísticos, e contextos

socioculturais. García aponta, neste sentido, que o prestígio de cada língua, assim como as oportunidades de uso fora da escola, é determinante para o sucesso ou fracasso de um dado modelo de educação. O modelo de imersão, por exemplo, mostra-se muito eficiente no ensino bilíngue dentre falantes de línguas majoritárias, porém pode significar uma *submersão* – em outras palavras, uma assimilação linguística, identitária, cultural – se proposto para falantes de línguas minorizadas (GARCÍA; SKUTNABB-KANGAS; TORRES-GUZMÁN, 2006).

Por outro lado, uma dificuldade a nível operacional, a ser observada nesse tipo de proposta, é a disponibilidade de professores com formação adequada. São ainda escassas as formações pedagógicas voltadas a professores para contextos bilíngues ou plurilíngues (GARCÍA, 2009). Na verdade, é bem comum que os professores não estejam suficientemente preparados para dar aula nesses contextos. Cummins (1986) aponta como a relação entre alunos pertencentes a grupos minorizados e professores pode constituir um problema, quando estes reproduzem preconceitos e opressões contra aqueles no ambiente escolar. Nessa perspectiva, destaca a importância de os professores, em sala de aula, valorizarem as diversas identidades linguísticas e culturais, tratando da educação bilíngue/plurilíngue como uma expansão do repertório dos aprendizes – e não como mera substituição de um repertório por outro. Cummins, além disso, argumenta que os professores devem encorajar os seus alunos a participarem ativamente no processo de aprendizagem.

Entretanto, é claro que isso não se restringe aos professores. García (2009) argumenta que, na educação bilíngue/plurilíngue, toda a escola deve estar comprometida com a promoção da equidade e da tolerância. Assim, cabe a todos os funcionários valorizar a diversidade e não reproduzir preconceitos e opressões que influenciem negativamente o aluno.

Ainda sobre os fatores operacionais, outro ponto importante se refere à cooperação parental na educação das crianças. Isso porque o papel dos pais é tão fundamental quanto o da escola na formação de crianças bilíngues ou plurilíngues. Os pais devem estar convencidos de que o bilinguismo ou plurilinguismo é benéfico para a criança, refletindo criticamente sobre determinados mitos disseminados pela crença popular e pela mídia, e que associam o aprendizado de múltiplas línguas na infância a um mau desempenho escolar, segregação social, dentre outros aspectos negativos (EDWARDS; NEWCOMBE, 2006). Principalmente no caso de alunos falantes de línguas minorizadas, o envolvimento dos pais, segundo Cummins (1986), tem

impactos muito positivos no desempenho dos alunos. Um exemplo que ilustra essa correlação é o *Haringey Project*, do Reino Unido. Nesse projeto, as crianças que liam para seus pais, em casa, obtiveram uma significativa evolução em seu letramento – evolução maior, inclusive, se comparada à evolução de alunos que tiveram mais aulas com professores altamente qualificados (CUMMINS, 1986).

Por fim, quanto aos fatores consecutivos, é evidente que os modelos de educação bilíngue/plurilíngue se diferenciam significativamente quanto a seus objetivos linguísticos e culturais. García (2009) subdivide os modelos de educação bilíngue/plurilíngue em quatro quadros teóricos, cada um tendo seus respectivos objetivos em relação ao conhecimento de língua, ao letramento e à cultura:

Figura 3 – Modelos de educação bi/plurilíngue segundo García (2009)

Theoretical Framework (see Chapters 3 and 6)	Subtractive	Additive	Recursive	Dynamic
Language Goal (see Chapter 6)	Monolingualism; monoglossic	Bilingualism; monoglossic	Bilingualism; heteroglossic	Bilingualism; heteroglossic
Literacy Goal (see Chapter 14)	Monoliteracy	Full biliteracy	Functional biliteracy	Functional biliteracy
Cultural Goal (see Chapter 6)	Monocultural	Bicultural	Bicultural multiplicity	Transcultural

Fonte: GARCÍA (2009, p. 508).

O primeiro quadro teórico, denominado subtrativo, ao almejar o monolinguismo, monoletramento e monoculturalismo, por óbvio, iria de encontro à concepção de educação bilíngue/plurilíngue proposta nesta seção. Mesmo assim, sendo aplicado com latinos nos Estados Unidos, ele apresenta melhores resultados no ensino e alfabetização de hispanófonos do que as escolas que seguem a filosofia *only English*.

É notável, contudo, que a educação bilíngue/plurilíngue que realmente daria voz e espaço aos falantes bilíngues ou plurilíngues seria uma educação que levasse em conta as mais diversas línguas e culturas presentes em sala de aula, assim como as múltiplas e híbridas práticas de linguagem (GARCÍA; FLORES; CHUN, 2011 *apud* ALTENHOFEN; BROCH, 2011). Como apontado por García (2009), seria uma educação que valorizasse a heteroglossia existente no ambiente educacional e que, por sua vez, está cada vez mais onipresente no mundo globalizado

Isso só seria possível se a educação, além de ser bilíngue/plurilíngue, também fosse *plurilinguística*, isto é, uma “educação para a DL [diversidade linguística] não só com o objetivo de incluir minorias, nem de um ensino isolado de LE [língua estrangeira], mas de promoção do plurilinguismo, por meio de abordagens de conscientização linguística e cultural” (BROCH, 2014, p. 52). Baseado no conceito de *language awareness* desenvolvido por Eric Hawkins, essa conscientização linguística e cultural se realiza através do conhecimento explícito, da reflexão crítica e da sensibilização à diversidade de línguas e culturas. Seu objetivo é uma postura de pluralidade por parte dos aprendizes, ou seja, de “[um] ‘ser plural’ diante da diversidade e dinamicidade do mundo como o observamos em nossos dias” (ALTENHOFEN; BROCH, 2011, p. 20).

Outro espaço onde se pode notar uma postura de pluralidade e de respeito à diversidade é na Internet e mídias digitais. São sobre essas que discorreremos na seção a seguir.

4.2.2 Internet e mídias digitais

Muito se fala sobre como a Internet, em certa medida, pode ser um símbolo da globalização, mas também da crescente democratização. Todos, sem distinção, podem ter acesso a muitas informações de forma fácil, rápida e gratuita. Além disso, as redes sociais dão igualmente voz a todos que querem discutir, conversar, dar a sua opinião. Consideramos, contudo, que a Internet não é *per se* boa nem ruim, e sim espelha as complexas relações socioculturais, econômicas, políticas e tecnológicas tecidas no mundo (WARSCHAEUR, 2002). Isso também vale para as práticas linguísticas na Internet.

É evidente que o inglês se tornou uma língua franca a nível mundial também graças à Internet. O inglês é a língua mais usada na Internet, com 1.105 milhões de usuários (INTERNET..., 2019). De maneira geral, é a língua mais usada nas redes sociais de alcance global, como Facebook, Twitter (CVC, 2018). Além disso, *sites* de grandes empresas normalmente usam a língua inglesa na sua versão dot.com e também quando não há uma versão específica para um dado país ou região (KELLY-HOLMES, 2006). Percebemos, dessa forma, como o inglês – além de ser uma língua tendo muitos falantes nativos e não-nativos e, assim, tendo uma grande importância

a nível nacional e internacional – goza do *status* de língua neutra, não-marcada e de conhecimento comum. Seria uma língua de todos e, por isso mesmo, de ninguém.

Apesar disso, nota-se que a diversidade linguística ganha cada vez mais espaço na Internet. Isso é resultado de uma série de processos em andamento. Dentre eles, destaca-se uma nova tendência nas mídias digitais chamada de *localização*. Esta seria a criação de versões em línguas diferentes, voltadas para países ou regiões específicas, de *sites* e demais mídias. A gigante Google, por exemplo, oferece cerca de 191 opções de países e 150 de línguas. Existe mesmo o Google em quíchua e em catalão, provando que as grandes empresas consideram também as línguas autóctones e regionais, comumente minorizadas. Esse também é o caso da Wikipédia, enciclopédia virtual que atualmente oferece versões de artigos em cerca de 288 línguas (CVC, 2018).

Essa tendência pode ser observada também nos *sites* comerciais de grandes marcas globais. Segundo Kelly-Holmes (2006), há um significativo aumento de *sites* comerciais em línguas consideradas centrais segundo a classificação de De Swaan (2001)²⁰. Além disso, a autora destaca que as empresas tendem, cada vez menos, a atribuir um mesmo *site* para uma grande região onde se fala muitas línguas; pelo contrário, atualmente, existem *sites* bilíngues ou multilíngues para países onde se fala mais de uma língua. Dito isso, Kelly-Holmes (2006) conclui que o que põe em xeque a hipercentralidade do inglês no âmbito dos *sites* comerciais não são as línguas supercentrais e, sim, as línguas consideradas menores, centrais.

Outra questão relevante é a recente expansão da Internet para além da sua base norte-americana (WARSCHAEUR, 2002). Segundo o *site* Internet World Stats, o inglês não é a língua que mais cresce proporcionalmente nas redes; pelo contrário, a média percentual crescimento dos usuários anglófonos nos últimos dezenove anos está abaixo da média de crescimento mundial de novos usuários. Ainda conforme o mesmo *site*, a língua que mais cresceu proporcionalmente na Internet entre 2000 e 2019 foi o árabe. O número de usuários arabófonos aumentou praticamente 9.000% – crescimento quase três vezes maior que o da segunda língua que mais cresceu proporcionalmente nas redes, o russo. Logo após a língua russa (3.434%), vem o malásio (2.861%), o chinês (2.572%) e o português (2.164,8%). É notável, contudo, que a taxa de crescimento de usuários anglófonos está bem abaixo, com 685%, sendo

²⁰ Para saber mais, leia a seção 3.3 do terceiro capítulo.

a terceira língua que menos cresceu proporcionalmente ao grupo das dez línguas mais faladas da Internet.

Concluimos, assim, que a Internet e as mídias digitais, de modo geral, podem ser de fato espaços cada vez mais democráticos. Para além da relativa liberdade de expressão em relação ao conteúdo veiculado, as línguas utilizadas na *web* estão cada vez mais diversificadas de forma a incluir, progressivamente, os diferentes públicos pelo mundo todo.

Uma atividade que vai ao encontro da democratização da Internet e das mídias e, principalmente, da diversificação de seu público é a tradução. É sobre ela que trataremos na seção a seguir.

4.2.3 Tradução

A tradução é uma atividade muito recorrente e de suma importância no mundo globalizado. Dada a existência de mais de 7 mil línguas no mundo, seria, de fato, impossível haver comunicação entre todas as partes do globo sem se recorrer à tradução. A tradução, desse modo, desempenha a difícil, mas imprescindível tarefa de mediação entre línguas, culturas, sociedades, visões de mundo.

A história da tradução é extensa: “as primeiras evidências de tradução remontam a cerca de três milênios antes da era cristã, na Ásia Menor” (MARTINS, 2010, p. 59). É na Idade Moderna e Contemporânea, contudo, que ela ganha mais destaque. A tradução de livros exerceu um papel central na formação e consolidação das línguas e literaturas nacionais. Principalmente no campo literário, os livros traduzidos também foram cruciais para que se criasse uma espécie de literatura universal, onde se fixaram determinados cânones, mas também surgiram *best-sellers*.

Com o advento da globalização, houve uma intensificação das trocas e, assim, um aumento significativo das traduções de livros (SAPIRO, 2009). Baseando-se no sistema global das línguas mundiais proposto por De Swaan (2001), Heilbron (1999) aponta que, no mundo globalizado, as traduções impressas tendem a circular do centro para a periferia, e que as quatro línguas que ocupam posições mais centrais na galáxia – o inglês, o francês, o alemão e o russo, antes da queda da URSS – cumprem a função de mediação entre as línguas periféricas. Segundo o autor, no final do século XX, três quartos dos livros traduzidos no mundo tinham essas quatro línguas como língua de origem.

Isso, contudo, pode variar segundo o tipo de tradução, como aponta Sapiro (2009). No caso da tradução de livros comerciais, de venda em grande escala, há pouca diversidade linguística e uma predominância do inglês como língua de origem. Por outro lado, há uma grande diversidade linguística nas traduções de pequena escala, que constituem, principalmente, cânones literários e livros de ciências humanas e sociais. Ainda, segundo Sapiro, estas são estruturadas a partir das relações políticas entre Estados Nacionais e das lógicas particulares de cada campo de produção – que podem variar, por exemplo, segundo cada disciplina (filosofia, história, literatura). As traduções comerciais, por sua vez, seguem a lógica de mercado, onde há o monopólio dos editores anglo-americanos. De fato, a segunda metade do século XX marca a transferência da França para os Estados Unidos do centro do mundo editorial, o que reforça a hipercentralidade do inglês (SAPIRO, 2009).

Todavia, se, antigamente, quando se pensava em tradução, o que vinha à cabeça eram textos impressos – obras literárias, textos informativos ou científicos, livros sagrados –, hoje a tradução abrange várias modalidades. A tradução é, hoje em dia, desempenhada das mais diversas maneiras, nos mais diversos contextos. Atualmente, traduzem-se filmes, seriados, documentários, programas de TV; em suma, qualquer produto audiovisual, através de legendagem ou dublagem. Em reuniões, palestras, conferências, são feitas interpretações: traduções simultâneas, consecutivas ou intermitentes, onde um tradutor traduz ao vivo, oralmente, para o público. Para além disso, os avanços tecnológicos fizeram com que a tradução não prescindisse, a princípio, de uma pessoa que a realize. Hoje em dia, é cada vez mais comum a utilização do recurso da tradução automática, através de ferramentas como o Google Tradutor, o Linguee, o DeepL, o Reverso, o Microsoft Translator, entre outros. Traduzem-se palavras, textos inteiros, páginas *online* de maneira instantânea – mesmo que a sua qualidade seja, por vezes, questionável. Mas as inovações vão além disso. Algumas ferramentas, atualmente, são capazes mesmo de traduzir a partir de imagens e voz em tempo real.

Essa praticidade, por sua vez, faz com que hoje não se prescindisse de uma língua franca para que ocorra comunicação entre pessoas pertencendo a diferentes comunidades linguísticas. Em contrapartida, os avanços da globalização também permitem uma revalorização das línguas locais e, em última instância, da diversidade das línguas do mundo. A tradução, nesse sentido, pode se refletir em um jogo duplo: as fronteiras linguísticas são mantidas, mas cada vez mais facilmente ultrapassadas.

Na verdade, o próprio ato de traduzir nos faz repensar as fronteiras. O processo de tradução implica o exercício da alteridade, implica entender o Outro e, a partir disso, repensar-se enquanto Eu. Levada às últimas consequências, a tradução questiona a ideia de pureza, unidade, monolinguismo e traz à tona que, frente à globalização, não se pode mais negar o multiculturalismo, o plurilinguismo, a *crioulização* – isto é, segundo Glissant (2005), a interpenetração cultural e linguística que ocorre atualmente no mundo.

A tradução é, por excelência, uma tarefa plurilinguística ao passo que reconhece e valoriza a diversidade linguística. As traduções não *traem* as línguas nem as *deturpam*; pelo contrário, as traduções valorizam ambas as línguas envolvidas. Não é à toa, por exemplo, que os líderes políticos, em encontros oficiais, tendem cada um a falar as suas línguas e, assim, serem traduzidos e ouvirem traduções de seus discursos. Como apontam Batalha e Pontes (2004, p. 32), “o próprio ato de traduzir já encerra, em si mesmo, o princípio da soberania de todas as línguas do mundo”.

Como apontamos no capítulo 3, atualmente, há uma tensão entre a ideologia monolíngue, de um lado, e a ideologia plurilíngue, de outro. A ideologia monolíngue, construída e consolidada pelos Estados Nacionais, apesar de ter sido posta em xeque pelo plurilinguismo crescente do mundo globalizado, ainda subsiste. O presente capítulo tinha como objetivo apontar então, de modo sucinto, forças monolíngues e plurilíngues presentes no mundo globalizado atual.

Em um primeiro momento, mostramos como a ideologia monolíngue, atualmente, encontra eco no inglês como língua de comunicação global, assim como no *ranking* das línguas e dos plurilinguismos. Nota-se, através da história da ascensão do inglês, que a língua galgou essa posição graças às conquistas territoriais e à influência política, econômica e sociocultural dos anglo-saxões. Mas, para além disso, a atualização do mito da língua única, representada pelo do inglês, continua a reproduzir vantagens para os anglófonos e, inversamente, desvantagens para não-nativos ou, então, pessoas que não falam inglês. O *ranking* das línguas e dos plurilinguismos, por sua vez, encerram outra forma de expressão da lógica monolíngue no mundo globalizado: a valorização de certas línguas em detrimento de outras e, conseqüentemente, de determinados plurilinguismos em detrimento de outros. Novamente, nesse caso, a ideologia monolíngue opera como forma de poder, de modo a beneficiar grupos dominantes que, normalmente, falam línguas mais

valorizadas e, inversamente, a rebaixar grupos dominados, constituídos, via de regra, por falantes de línguas minorizadas.

Em um segundo momento, abordamos os espaços em que são perceptíveis forças plurilíngues, que valorizam a diversidade linguística, assim como incentivam a tolerância e equidade. Certos modelos de educação bilíngue, plurilíngue e plurilinguística se mostram espaços onde as línguas podem existir, sendo todas reconhecidas e valorizadas, e onde mesmo os falantes de línguas minorizadas podem aprender e se empoderar. A Internet e as mídias digitais, por sua vez, constituem espaços cada vez mais democráticos, visto que são acessíveis e são frequentados por diferentes públicos, sendo a diversidade linguística cada vez maior na web. Por fim, a tradução se apresenta como uma atividade que exercita a alteridade, a tolerância às diferenças e que encerra a soberania de todas as línguas do mundo.

Com isso, pode-se concluir que, de modo geral, enquanto as forças monolíngues, no mundo globalizado, tendem a reproduzir uma lógica hierárquica, de desigualdade por meio da desvalorização da diversidade linguística, as forças plurilíngues têm como princípio a tolerância, a equidade e o respeito à diversidade entre as mais diversas línguas e indivíduos.

5 POR UMA CONCEPÇÃO DIALÉTICA: ENTRE A DIVERSIDADE E A UNIDADE

Como vimos no início do presente trabalho, o mundo globalizado, em linhas gerais, se caracteriza por forças voltadas tanto ao global quanto ao local. Isso significa que, ao mesmo tempo em que há, no mundo globalizado, tendências integradoras e universalizantes – que se materializam, por exemplo, nas instâncias políticas supranacionais, em um mercado cada vez mais global e, no domínio linguístico, pela utilização de uma língua franca –, essas coexistem com tendências particularizantes – como o ressurgimento das identidades locais, a crescente *relocalização* de produtos e serviços e pela demanda por reconhecimento e preservação de línguas minorizadas.

De modo geral, poderíamos apontar que, de um lado, o plano global envolve a visão do mundo como um todo, ligada à compressão do espaço-tempo da era globalizada e tecnológica e que, por isso, também remete ao novo, à contemporaneidade. De outro lado, no âmbito local, têm-se a identidade e a particularidade de cada lugar e que remete ao passado, à tradição.

Transpondo esses dois polos para o terreno da língua, poderíamos dizer que, no plano global, se sobressai, sob um viés utilitarista, a função da língua como meio de comunicação e se fazem uso primordialmente das línguas francas. Por outro lado, no plano local, a ênfase recai na língua como identidade, como parte constitutiva do imaginário de uma comunidade, como patrimônio cultural imaterial da humanidade.

Um viés utilitarista e que priorize o global, se levado às últimas consequências, poderia levar à valorização de uma única língua em detrimento das demais, à desvalorização de competências linguísticas diversas e, em último caso, ao completo desinteresse ou, mesmo, desdém pelas línguas de alcance apenas nacional ou regional. Seria a realização do pesadelo homogeneizante: a extinção de línguas em prol da utilização de uma língua franca, comum a todos, que possibilite a perfeita intercompreensão entre todas as partes do globo.

Em contrapartida, uma visão que colocasse a identidade, o particular, o local acima de tudo poderia se tornar demasiadamente etnocêntrica e fechada em si mesma. Levando a questão ao extremo, isso significaria, no plano concreto, que se nega a possibilidade de existência de línguas francas, reconhecendo apenas as línguas locais. Esse ponto de vista, por sua vez, soa não apenas utópico, mas também inviável no mundo globalizado atual, em que diferentes partes do globo estão

fortemente conectadas e que a comunicação entre falantes de diferentes línguas já se dá por meio de línguas de alcance global.

Ambos os pontos de vista, porém, mesmo que completamente opostos, mantêm um traço em comum: a ideologia monolíngue que subjaz a eles. De fato, os dois movimentos vão de encontro à diversidade linguística, seja por um utilitarismo insensível e acrítico, seja por um etnocentrismo exacerbado e utópico.

Reconhecemos, anteriormente, que, nas relações linguísticas do mundo, existe uma tensão entre forças monolíngues e outras, plurilíngues. Assim como a globalização está em disputa, como diz Franco (2003), o terreno linguístico, por ora, também se apresenta em disputa. Contudo, a situação não é a mesma: ao passo em que as ideologias monolíngue e plurilíngue são irreconciliáveis, o global e o local não são necessariamente opostos. Podem ser vistos de outra forma, como instâncias diferentes, mas complementares.

Revisitando o conceito de “glocal”, faz-se necessário uma concepção dialética que considere o global e o local, o geral e o particular, a língua como meio de comunicação e como identidade, as línguas de amplo alcance e as línguas locais. Essa concepção dialética, por sua vez, se aproxima da ideologia plurilíngue no que diz respeito à equidade e valorização da diversidade e se expressa, na prática, por uma defesa da diversidade linguística e do plurilinguismo.

Frente ao mundo globalizado, deve-se defender todas as línguas do mundo de maneira ampla e irrestrita – sejam línguas globais, nacionais ou locais. Passa por isso entender que cada língua tem seu uso e cumpre uma função. A língua de uma comunidade não é apenas um meio de comunicação e, desse modo, não pode ser simplesmente substituída por qualquer outra língua. As línguas de alcance global, por sua vez, também têm sua importância e não podem ser ignoradas.

Em relação às línguas de alcance global, muitos temem que elas se imponham e ameacem as demais línguas através do imperialismo linguístico. De fato, o inglês, reconhecido atualmente como a língua de comunicação global, galgou essa posição, como vimos anteriormente, graças a seu imperialismo político, econômico e cultural. Porém, é preciso fazer algumas ressalvas. Primeiramente, se essa posição de língua franca não fosse ocupada pelo inglês, outra língua a ocuparia – como o francês e o espanhol, que, aliás, disputam com o inglês pela posição. Em segundo lugar, o fato de o inglês, atualmente, ser uma língua de comunicação global não significa que o inglês *per se* constitua um perigo à diversidade linguística.

Como argumenta Harvey (2003), exceto em casos em que a língua foi imposta pela colonização, o inglês normalmente não constitui uma ameaça direta às línguas nacionais e locais. O perigo maior, dessa forma, não reside no inglês, mas na ideologia monolíngue e, assim, na crença de que o uso somente da língua inglesa não só é possível, como também desejável.

Apontamos, no quarto capítulo, como é equivocada a ideia de que todos compreendem e dominam a língua inglesa e, assim, de que ela deve ser sempre empregada entre falantes de diferentes línguas. Como contraponto a isso, existem alternativas para a intercompreensão entre indivíduos que falam línguas distintas, como a tradução e, mesmo, o uso de outra língua em comum.

Isso, porém, não significa que devemos adotar uma postura intransigente de rejeição do inglês. Segundo Rajagopalan (2005), seria irrealista e inútil negar a posição do inglês como língua de comunicação global com o intuito de freá-lo: mais subversivo seria usá-lo à sua maneira, particularizando-o e adaptando-o aos seus interesses. Isso está expresso no conceito do *World English*, no qual o inglês, por ser falado em diversas partes do mundo todo, deixa de ser especificamente a língua dos países anglo-saxões, para ser uma língua à parte (RAJAGOPALAN, 2005). O *World English*, ao contrário das diferentes matrizes nacionais da língua inglesa, caracteriza-se por uma série de apropriações e hibridismos.

Novamente, voltamos à concepção dialética, à articulação do global e do local, do comum e do particular. Mais uma vez, chegamos à visão plurilíngue que se expressa no reconhecimento, na defesa, na necessidade de todas as línguas do mundo, como construção do conhecimento humano. Bastardas-Boada (1997), preocupado com a manutenção da diversidade linguística no mundo globalizado, elaborou alguns princípios a serem seguidos. Dentre os cinco princípios elaborados pelo autor, salientamos o primeiro e o terceiro. O primeiro postula que a **coexistência equânime²¹ das línguas deve se fundar em uma distribuição adequada de suas funções**. Desse modo, o que pode ser feito pelas línguas locais não deve ser feito pela língua de comunicação global, de modo a proteger os ecossistemas linguísticos

12 Preferimos substituir o termo “igualdade, utilizado originalmente pelo autor, por “equidade, por esta se aproximar mais do ideal de igualdade não-homogeneizante, de uma igualdade que respeitaria as diferenças entre as línguas.

locais. O terceiro princípio, por sua vez, orienta as autoridades a difundirem uma **ideologia favorável à diversidade e equidade²² linguísticas**.

Esses princípios defendidos por Bastardas-Boada (1997) sintetizam o nosso ponto de vista de uma dialética do global e do local e da consequente defesa da diversidade linguística e do plurilinguismo frente à globalização. O fenômeno do plurilinguismo, em última instância, expressa o ser plural no mundo atual, onde o indivíduo é marcado identitariamente pelo que o particulariza, localmente ou regionalmente, ao mesmo tempo que também assume seu pertencimento a algo maior – o mundo –, onde se iguala a todos. O plurilinguismo é, no mundo globalizado, a articulação entre o global e o local, entre a inovação e a tradição, entre a unidade e a diversidade, onde não nos fechamos perante o Outro, nem somos assimilados por ele; onde somos parte, mas continuamos particulares.

13 Ver nota anterior.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho pretendeu fazer uma discussão sobre o papel e lugar do plurilinguismo no mundo globalizado. Como mostramos no terceiro capítulo, o plurilinguismo é uma realidade cada vez mais presente no mundo atual, seja pela integração global, seja pela revalorização do local. É notável, contudo, que as relações linguísticas, no contexto atual, são atravessadas por tensões entre a ideologia monolíngue, por um lado, e plurilíngue, por outro.

O Estado Nacional, historicamente, sustentou e foi sustentado pela ideologia monolíngue. Hoje, porém, ele vê seu monolinguismo posto em xeque tanto pela necessidade de comunicação global, quanto pela luta por reconhecimento e preservação de línguas locais.

O mercado, por sua vez, com a multiplicação de empresas transnacionais do setor de serviços e com a conseqüente mercantilização das línguas, começou a ver no plurilinguismo um valor. As empresas, porém, continuam a enxergar as línguas sob uma ótica monolíngue, dado que certas competências linguísticas são valorizadas em detrimento de outras.

Por fim, vimos que, no modelo de De Swaan (2001), a hierarquia das línguas acaba por influenciar o monolinguismo, bilinguismo e plurilinguismo dos falantes, de modo que o plurilinguismo é mais recorrente dentre falantes de línguas minorizadas e, inversamente, mais raro dentre falantes de línguas dominantes. Mais uma vez, concluímos que a lógica que subjaz as relações linguísticas, no mundo globalizado, é monolíngue: há a valorização de certa(s) língua(s) em detrimento de outras, e os falantes de línguas dominantes são, em sua maioria, monolíngues.

No quarto capítulo, discutimos questões ligadas à ideologia monolíngue e plurilíngue no mundo globalizado. Concluímos que, de modo geral, as forças monolíngues, ao priorizarem uma língua em detrimento de outras, indireta ou diretamente, reforçam uma desigual distribuição do poder entre falantes de diferentes línguas. Inversamente, as forças plurilíngues tendem a incentivar a tolerância, a equidade e o respeito à diversidade de línguas e falantes no mundo.

Na primeira parte do capítulo 4, apontamos que a ideologia monolíngue está fortemente ligada ao mito da língua única. Como vimos, no âmbito local, esse mito encontra eco no *slogan* “uma nação, uma língua”. Mas, nesta seção, discutimos prioritariamente como esse mito se atualiza na ideia de que é possível e desejável que

haja uma única língua franca, a língua inglesa, falada e compreendida por todos no mundo globalizado. Isso, por sua vez, engendra uma série de vantagens para os anglófonos e, em contrapartida, desvantagens para os não-nativos ou não falantes da língua inglesa a nível supranacional.

Discutimos também outra faceta da ideologia monolíngue: o fato de que há uma hierarquia das línguas, onde umas são mais valorizadas em detrimento de outras e onde, conseqüentemente, certos plurilinguismos são mais valorizados em detrimento de outros. Vimos, contudo, que a decisão de quais línguas são prestigiadas, assim como também quais plurilinguismos merecem mais atenção, está fortemente ligada ao poder político, social e econômico dos respectivos falantes no âmbito local.

Na segunda parte do capítulo 4, por sua vez, apontamos quais são os espaços em que a diversidade de línguas e o plurilinguismo são, de fato, valorizados. De modo ilustrativo e, assim, não exaustivo, mostramos que certos modelos de educação bilíngue, plurilíngue e plurilinguística se apresentam como espaços onde as línguas podem coexistir, onde todas as competências linguísticas são valorizadas e onde a tolerância e o respeito à diversidade são incentivados. Em seguida, mostramos como a Internet e as mídias digitais podem ir ao encontro da democracia e da diversidade, pois são, a princípio, acessíveis a todos os públicos e, além disso, as línguas usadas na *web* estão cada vez mais diversificadas. Finalmente, falamos sobre a tradução, salientando como ela pode ser vista como uma atividade que reforça e valoriza a pluralidade de línguas do mundo.

Por fim, no quinto capítulo, apresentamos uma concepção dialética das relações linguísticas no mundo, relacionando os âmbitos global e local. Para tanto, argumentamos que, ao invés de concebermos o global e o local como opostos, devemos enxergá-los como complementares ou, em outras palavras, instâncias que se articulam. Isso implica, no plano linguístico, o reconhecimento de que todas as línguas, tanto globais quanto locais, são relevantes e cumprem um determinado papel. O plurilinguismo, por sua vez, encerra essa concepção dialética, que articula o global e o local, a unidade e a diversidade, as línguas globais e locais. O fenômeno do plurilinguismo, em última instância, expressa o ser plural no mundo atual, onde o indivíduo é marcado tanto pela sua identidade, que lhe é particular, quanto pelo seu pertencimento ao global, que o torna igual perante o mundo.

O presente trabalho, ao abordar aspectos caros às relações linguísticas no mundo atual, tem como intuito contribuir para a discussão sobre o plurilinguismo na

era globalizada. Com ele, visamos a explicitar que o plurilinguismo, como fenômeno linguístico, encerra em si mesmo uma síntese dialética entre o global e o local, o geral e o particular, a unicidade e a diversidade – por isso, se apresenta como uma terceira margem frente ao perigo, no mundo globalizado, de homogeneização, por um lado, e de etnocentrismo exacerbado, por outro. O ponto de vista plurilíngue não significa que todos os falantes do mundo devam ser plurilíngues e, sim, que ele contribui, contrariamente ao que se viu na história de imposição de línguas, para a tolerância, a equidade e o respeito à diversidade linguística e cultural no mundo globalizado.

Dado o seu caráter sucinto, este trabalho, evidentemente, não se pretende uma apresentação detalhada e exaustiva do tema. É possível que, por isso, acabe por priorizar certos aspectos em detrimento de outros igualmente importantes, assim como por generalizar certas características que, dificilmente, se aplicam a todos os casos. Ele, contudo, pretende contribuir para esse debate acerca de um tema tão relevante, atual e, mesmo, onipresente, que diz respeito a todos os indivíduos do mundo: o plurilinguismo na globalização.

REFERÊNCIAS

- ALTENHOFEN, Cléo V. Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da geolinguística pluridimensional e contatual. *Revista de Letras Norte@mentos*, n. 12, v. 6, 2013.
- ALTENHOFEN, Cléo V; BROCH, Ingrid Kuchenbecker. Fundamentos para uma “pedagogia do plurilinguismo” baseada no modelo de conscientização linguística (language awareness). In: BEHARES, Luis E. (Org.). *V Encuentro Internacional de Investigadores de Políticas Linguísticas*. Universidad de la República y Asociación de Universidades Grupo Montevideo: Montevideo, 2011. p. 15-24.
- AUROUX, Sylvain. La grammatisation des vernaculaires européens. *Todas as Letras-Revista de Língua e Literatura*, v. 16, n. 1, 2014.
- BASTARDAS-BOADA, Albert. *Language and identity policies in the ‘glocal’ age*. New processes, effects, and principles of organization. Barcelona: Generalitat de Catalunya, Institut d’Estudis Autònoms, 2012. 162 p.
- BASTARDAS-BOADA, Albert. Contextes et représentations dans les contacts linguistiques par décision politique: substitution *versus* diglossie dans la perspective de la planétarisation. *DiversCité Langues*, 1997. Disponível em: <<http://www.uquebec.ca/diverscite>>. Acesso em: 05 jun. 2019.
- BATALHA, Maria Cristina; PONTES, Geraldo Ramos. A tradução como prática da alteridade. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 1, n. 13, p. 27-43, jan. 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6230/5849>>. Acesso em: 31 maio 2019.
- BIPLAN, Pierre. O esperanto dos negócios. In: LACOSTE, Yves; RAJAGOPALAN, Kanavillil (Orgs.). *A geopolítica do inglês*. São Paulo: Parábola editorial, 2005. p. 133-134.
- BOURDIEU, Pierre. L’économie des échanges linguistiques. In : *Langue Française*, nº34, 1977. Linguistique et sociolinguistique, sous la direction de Pierre Encrevé, p. 17-34.
- BROCH, Ingrid Kuchenbecker. *Ações de promoção da pluralidade linguística em contextos escolares*. Tese (Doutorado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014. 268 p.
- CALVET, Louis-Jean. *Le marché aux langues: Les effets de la mondialisation*. Paris: Plon, 2002.

CALVET, Louis-Jean. *As políticas linguísticas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

CARBONI, Florence. Globalização, mercantilização e exploração das competências languageiras. In.: BUFFA, Diego; BECERRA, María José. *Sistema productivo, Estructura dominante, Territorialidad y Resistencias sociales en el escenario sudamericano*. Córdoba: Centro de Estudios Avanzados de la Universidad de Córdoba, 2014. p.147-166.

CRYSTAL, David. *English as a Global Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

CUMMINS, Jim. Empowering minority students: A framework for intervention. *Harvard Educational Review*, vol. 56, n. 1, p. 18-36, 1986.

CVC. Instituto Cervantes. *El español: una lengua viva*. Informe 2018. Disponível em: https://cvc.cervantes.es/lengua/espanol_lengua_viva/pdf/espanol_lengua_viva_2018.pdf. Acesso em: 20 maio 19.

DE SWAAN, Abram. *Words of the world*. The global language system. Cambridge: Polity Press, 2001.

DUCHÊNE, Alexander. Neolibéralisme, inégalités sociales et plurilinguisme: l'exploitation des ressources langagières et des locuteurs. *Langage et société*, n. 136, p. 81-106, 2011.

DUCHÊNE, Alexander; HELLER, Monica. *Pride and profit: Language in late capitalism*. London; New York: Routledge, 2012.

EDWARDS, John. *Multilingualism*. London; New York: Routledge, 2002.

EDWARDS, Viv; NEWCOMBE, Lynda. Back to basics: marketing the benefits of bilingualism to parents. In: GARCÍA, Ofelia; SKUTNABB-KANGAS, Tove; TORRES-GUZMÁN, Maria E. (Eds.). *Imagining multilingual schools: languages in education and glocalization*. Clevedon et al.: Multilingual Matters, 2006. p. 137-149.

FRANCO, Augusto de. *A revolução do local*. Globalização, glocalização, localização. Brasil: Ed. de Cultura, 2003.

FISHMAN, Joshua A. On the limits of ethnolinguistic democracy. In: HORNBERGER, Nancy H.; PÜTZ, Martin (eds.). *Language loyalty, language planning and language revitalization: recent writings and reflections from Joshua A. Fishman*. Clevedon; Buffalo; Toronto: Multilingual Matters, 2006. p. 195-207.

GADRIOT-RENARD, Hélène. O inglês: língua franca das instituições internacionais. In: LACOSTE, Yves; RAJAGOPALAN, Kanavillil (Orgs.). *A geopolítica do inglês*. São Paulo: Parábola editorial, 2005. p. 27-32

GARCÍA, Ofelia. *Bilingual education in the 21st century: a global perspective*; with contributions by Hugo Baetens Beardsmore. West Sussex: Wiley-Blackwell, 2009.

GARCÍA, Ofelia; SKUTNABB-KANGAS, Tove; TORRES-GUZMÁN, Maria E. (Eds.). *Imagining multilingual schools: languages in education and glocalization*. Bristol: Multilingual Matters, 2006.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

HEILBRON, Johan. *Towards a Sociology of Translation: Book Translation as a Cultural World-System*. *European Journal of Social Theory*, v. 2, n. 4, p. 429-444, 1999.

HELLER, Monica. Language, skill and authenticity in the globalized new economy. *Noves SL.: Revista de sociolingüística*, n. 2, p. 1, 2005.

INTERNET World Stats. *World Internet Users Statistics and 2019 World Population Stats*. Disponível em: <<https://www.internetworldstats.com/stats.htm>>. Acesso em: 20/05/19.

KELLY-HOLMES, Helen. Multilingualism and commercial language practices on the Internet. *Journal of Sociolinguistics*, v. 10, n. 4, p. 507-519, 2006.

LAGARES, Xoán Carlos. *Qual a política?: desafios glotopolíticos contemporâneos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.

LE BRETON, Jean-Marie. Reflexões anglófilas sobre a geopolítica do inglês. In: LACOSTE, Yves; RAJAGOPALAN, Kanavillil (Orgs.). *A geopolítica do inglês*. São Paulo: Parábola editorial, 2005. p. 27-32

MARTINS, Marcia do Amaral Peixoto. As contribuições de André Lefevere e Lawrence Venuti para a teoria da tradução. *Cadernos de Letras*, n. 27, p. 59-72, 2010.

MACKEY, William F. *The description of bilingualism*. In: FISHMAN, Joshua A. (ed.). *Reading in the sociology of language*. 3. ed. The Hague: Mouton, 1972. p. 554-584.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. A geopolítica da língua e seus reflexos no Brasil. In: LACOSTE, Yves; RAJAGOPALAN, Kanavillil (Orgs.). *A geopolítica do inglês*. São Paulo: Parábola editorial, 2005. p. 27-32.

ROBERTSON, Roland. Glocalization: Time–space and homogeneity–heterogeneity. In: Featherstone M.; Lash S.; Robertson R. (Eds). *Global Modernities*. London: Sage, 1995. p. 25–54.

ROMAINE, Suzanne. *Bilingualism*. 2. ed. Oxford: Basil Blackwell, 1995.

SAPIRO, Gisèle. L'Europe, centre du marché mondial de la traduction. In: SAPIRO, Gisèle (Ed.). *L'espace intellectuel en Europe De la formation des États-nations à la mondialisation XIXe-XXIe siècle*. Paris: La Découverte, 2009. p. 249-297.

WARSCHAEUR, Mark. Languages.com: The Internet and linguistic pluralism. In: SYNDER, Ilana. *Silicon Literacies: Communication, Innovation and Education in the Electronic Age*. London: Routledge, 2002. p. 62-74